



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTERIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

ADRIANO VANDERLEI MICHELOTTI RODRIGUES

**DESASTRES QUE NÃO DEIXARAM SAUDADES:
CONSTRUÇÃO DAS ENCHENTES EM DESASTRES SOCIOAMBIENTAIS NAS
INUNDAÇÕES DE 1990 E 2015 NO MUNICÍPIO DE SAUDADES, SC**

CHAPECÓ

2017

ADRIANO VANDERLEI MICHELOTTI RODRIGUES

**DESASTRES QUE NÃO DEIXARAM SAUDADES:
CONSTRUÇÃO DAS ENCHENTES EM DESASTRES SOCIOAMBIENTAIS NAS
INUNDAÇÕES DE 1990 E 2015 NO MUNICÍPIO DE SAUDADES, SC**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em História.

Orientadora. Profa. Dra. Samira Peruchi Moretto

CHAPECÓ

2017

PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas

Rodrigues, Adriano Vanderlei Michelotti
DESASTRES QUE NÃO DEIXARAM SAUDADES: CONSTRUÇÃO DAS
ENCHENTES EM DESASTRES SOCIOAMBIENTAIS NAS INUNDAÇÕES DE
1990 E 2015 NO MUNICÍPIO DE SAUDADES, SC/ Adriano
Vanderlei Michelotti Rodrigues. -- 2017.
68 f.

Orientadora: Samira Peruchi Moretto.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de História
, Chapecó, SC, 2017.

1. História Ambiental. 2. Desastres Sociambientais.
3. Enchentes. 4. Saudades-SC. I. Moretto, Samira
Peruchi, orient. II. Universidade Federal da Fronteira
Sul. III. Título.



ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

As cinco horas do mês de julho de dois mil e dezasseis, às quinze horas e quinze minutos nas dependências da Campus Chupecó da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), reuniu-se a banca avaliadora da monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso consistida pelos professores Sandra Peruchi Moreira (Orientadora), Alfredo Ricardo Silva Lopes (UFFMS) e Marlon Brandt (UFFS). O Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História elaborado pelo acadêmico Adriano Vandertui Michelotti Rodrigues sob o tema *Escrituras que não delimitam sociedades: construções dos católicos seculares em suas instituições de 1990 a 2015 no Município de Santa Helena, SC* obteve a média final 9,0 sendo considerado aprovado.

Chupecó - SC, 05 de julho de 2017.

Sandra Peruchi Moreira - Orientadora

Alfredo Ricardo Silva Lopes - Avaliador 1

Marlon Brandt - Avaliador 2

Dedico este trabalho a minha família, a minha namorada Isabel Engler que também foi atingida pela enchente de 2015 e a toda população do município de Saudades, SC.

AGRADECIMENTOS

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) significa o termino de uma etapa importante e transformadora na jornada para a formação como professor e pesquisador em História. Nesse período de 5 anos de duração do curso, os quais fizeram-me enxergar o mundo e o passado com outros olhos e questionamentos, para isso muitas pessoas contribuíram, são importantes neste processo e merecem o devido agradecimento.

Primeiro lugar a minha família, meu pai Antônio e minha mãe Iracema, minha irmã Juliana que sempre me apoiaram e incentivaram a estudar e correr atrás do que acreditava. Principalmente ao meu irmão Vitelmo, o qual trilhou a maior parte desse caminho junto comigo, em idas e vindas da Universidade, em conversas e discussões, apoiando e dividindo responsabilidades e preocupações.

A minha namorada Isabel Engler que também conheci no meio acadêmico e também trilha seu caminho no curso de História. Torço que seu caminho seja tão rico e proveitoso como foi o meu, bem como, agradecer pela atenção e o carinho que sempre teve comigo, a compreensão pelas minhas ausências, as leituras e contribuições nos textos, e o seu amor incondicional.

Aos grandes Mestres e Doutores do curso de História, que foram mais que professores ensinaram e incentivaram, proporcionaram experiências incríveis como leituras, problematizações, debates e viagens. Em especial aos professores de História da UFFS, Renilda Vicenzi coordenadora do curso, Vicente Ribeiro, Antônio Miranda, José Carlos Radin, Claiton Marcio da Silva, Délcio Marquetti, Ricardo Machado, Everton Martins, Renato Boy e tantos outros que me espelho na atuação docente.

A todos os colegas de turma, os quais agradeço por tornarem os dias mais leves e descontraídos, com as conversas e brincadeiras sobre os assuntos mais diversos possíveis e imagináveis, em especial ao José, Rudinei, Laerte, Jair, Renan, Maicon, Matheus, Elizandro e novamente ao meu irmão Vitelmo.

A Samira Peruchi Moretto minha orientadora que apresentou a História Ambiental, me incentivou e conduziu de maneira que fizesse minhas escolhas na pesquisa e no campo dos desastres, bem como, agradecer pela primeira apresentação de pôster em evento na UFSC. Agradeço pelo Grupo de Estudos História, Ciência e Meio Ambiente da UFFS, mas em geral pelas contribuições, pelo incentivo, pelo andamento da pesquisa e os ensinamentos que levarei para a vida.

A todos que me deram apoio, aos amigos de infância, as colegas de trabalho. Sem dúvida faltarão agradecimentos para todos que fizeram e fazem parte da minha vida pessoal, profissional e acadêmica e contribuíram para concluir esta etapa.

“Do rio que tudo arrasta se diz que é violento. Mas ninguém diz violentas as margens que o comprimem” (BRECHT, 1973, p. 71).

RESUMO

Todos os anos diversas localidades no mundo inteiro são afetados pelos mais variados desastres socioambientais como: secas, geadas, chuvas de granizo, tornados, furacões, enchentes, tsunamis, deslizamentos, entre outros, causando danos e merecendo espaço nas notícias e suscitando diversas compreensões. Em Saudades, um pequeno município do Oeste do estado de Santa Catarina, possui em seu histórico a ocorrência de várias enchentes que causaram muitos danos, afetando principalmente a parte urbana que se estabeleceu as margens do rio Saudades e dois de seus afluentes o rio Taipas e rio Bonito. E nesta pesquisa analisamos os desastres ocorridos no município, no ano de 1990 e 2015, com o objetivo de buscar compreender como ocorreu o processo de construção social das enchentes como desastres socioambientais em Saudades. Através da metodologia da História Ambiental, com foco no campo dos desastres, partindo da história local e regional, levando em consideração os registros de várias enchentes, dando um enfoque especial as enchentes de 1990 e 2015. Utilizamos como fontes principais fotografias e jornais. As enchentes são compreendidas como desastres socioambientais, pois resultam da equação de fatores naturais (chuvas intensas, declividade, tipo de solo, etc.), como de ações Antrópicas (desmatamento, ocupação desordenada, urbanização, industrialização, etc.) (NODARI, ESPÍNDOLA, LOPES, 2015), além disso, determinado evento só se torna um desastre a partir da percepção e da presença humana gerando perdas e danos humanos, materiais, econômicos ou ambientais.

Palavras-Chave: História Ambiental. Desastres Socioambientais. Enchentes. Saudades-SC.

ABSTRACT

Every year, various locations around the world are affected by a variety of socio-environmental disasters such as droughts, frosts, hail, tornadoes, hurricanes, floods, tsunamis, landslides, and other damages. In Saudades, a small municipality in the western part of the state of Santa Catarina, has in its history the occurrence of several floods that caused many damages, mainly affecting the urban part that established the banks of the river Saudades and two of its tributaries the river Taipas and river Bonito. And in this research we analyze the disasters that occurred in the municipality, in 1990 and 2015, in order to understand how the flooding process occurred as socioenvironmental disasters in Saudades. Through the methodology of Environmental History, focusing on the field of disasters, starting from local and regional history, taking into account the records of various floods, giving a special focus on the floods of 1990 and 2015. We use as main sources photographs and newspapers. The floods are understood as socioenvironmental disasters, as they result from the equation of natural factors (intense rains, declivity, soil type, etc.), as well as of Anthropic actions (deforestation, disordered occupation, urbanization, industrialization, etc.) (NODARI, ESPÍNDOLA, LOPES, 2015). Certain event only becomes a disaster from the perception and human presence generating human, material, economic or environmental damages and losses.

Keywords: Environmental History. Socio-environmental Disasters. Floods. Saudades-SC.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1- Localização do município de Saudades Santa Catarina.....	24
Mapa 2- Mapa da Bacia Hidrográfica do Rio Saudades.....	26
Tabela 1- Demografia e Domicílios (1970-2010)	31
Tabela 2- Ocorrência de enchentes por estação de ano.....	33
Figura 1- Capa do jornal A Fonte de Saudades.....	53

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - Vista Aérea da cidade de Saudades	25
Fotografia 2 - Comunidade de Saudades 1945.....	32
Fotografia 3 - Setores de Risco e Alto Risco de enchentes.....	37
Fotografia 4 - Vista de Saudades por Satélite.....	38
Fotografia 5 - Saudades década de 1940	40
Fotografia 6 - Enchente 1940	40
Fotografia 7 - Enchente de 1964	41
Fotografia 8 - Vista da cidade na enchente de 1972.....	42
Fotografia 9 - Enchente de 1972 no atual Bairro Beira Rio.....	42
Fotografia 10 - Enchente de 1983	43
Fotografia 11 - Enchente de 1990	44
Fotografia 12 - Casa levada pelas águas	45
Fotografia 13 - Vista aérea de enchente de 2015	46

LISTA DE SIGLAS

ACISC- Associação Comercial e Industrial de Saudades
ANPUH- Associação Nacional de História
CEI- Centro de Educação Infantil
CELESC- Centrais elétricas de Santa Catarina
CEPED- Centro Universitário de Estudos e Pesquisa sobre Desastres
CIDASC- Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina
CPRM- Companhia de Pesquisas de Recursos Minerais (Empresa)
CTG- Centro de Tradição Gaúcha
DMER- Departamento Municipal de Estradas e Rodagens
EMEF- Escola Municipal de Ensino Fundamental
EPAGRI- Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina
FED- Floresta Estacional Decidual
FGTS- Fundo de Garantia por Tempo de Serviço
FOM- Floresta Ombrófila Mista
IBGE- Instituto brasileiro de Geografia e Estatística
ICMS- Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços
MG- Minas Gerais
PDR- Plano Detalhado de Resposta
RH- Região Hidrográfica
SAER-Fron- Serviço Aeroespacial de Fronteira
SAMAE- Serviço Autônomo de Municipal de Água e Esgoto
SEDEC- Secretaria Estadual de Defesa Civil
SC- Santa Catarina
SR- Setores de Risco
UFSC- Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	HISTÓRIA AMBIENTAL E DESASTRE	16
2.1	CONHECENDO A HISTÓRIA AMBIENTAL.....	16
2.2	TRAJETÓRIA E CONCEITOS DA HISTÓRIA DOS DESASTRES.....	18
3	SAUDADES ASPECTOS NATURAIS E HISTÓRICOS.....	23
3.1	LOCALIZAÇÃO E CARACTERÍSTICAS GERAIS DO MUNICÍPIO...	23
3.2	PROCESSO DE OCUPAÇÃO.....	26
3.3	CONVIVENDO COM AS ENCHENTES	32
3.4	IMAGEM DO DESASTRE: AS ENCHENTE MAIS MARCANTES.....	37
4	IMPrensa, ENCHENTES E AÇÕES EMERGENCIAIS.....	47
4.1	IMPrensa COMO FONTE PARA O ESTUDO DE DESASTRES.....	47
4.2	AS ENCHENTES DE 1990 E 2015 NOS PERIÓDICOS.....	49
4.3	AÇÕES EMERGENCIAIS PÓS ENCHENTES.....	55
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
	FONTES.....	66
	REFERÊNCIAS.....	64

1 INTRODUÇÃO

O município de Saudades, um dos tantos pequenos municípios do Oeste catarinense tem sua história marcada por inúmeras inundações que em alguns episódios se constituíram em um grande desastre socioambiental. As cheias do rio Saudades contrastam com uma recente colonização, datada de 1931. Saudades foi um núcleo urbano planejado pela Companhia Territorial Sul Brasil, estabelecendo-se próximo ao rio Saudades, em uma pequena planície envolta por morros e serras baixas, que nas últimas décadas com o crescimento urbano, ocupou-se cada vez mais seus morros e a margens destes rios.

Nesta pesquisa busca compreender as enchentes ocorridos no município de Saudades, no ano de 1990 e 2015, para tanto se utiliza da metodologia da História Ambiental, no campo dos desastres. Neste sentido, os estudos e debates sobre desastres cresceram principalmente a partir da década de 1970, por um impulso ambientalista global, também por grandes catástrofes ocorridas nesta época, assim como, a crescente escalada mundial dos números de pessoas afetadas por eventos catastróficos de vários tipos¹.

Segundo o Atlas Brasileiro de Desastres Naturais², do Centro Universitário de Estudos e Pesquisa sobre Desastres CEPED da UFSC, os eventos mais frequentemente no país são as estiagens e secas, seguidos por enxurradas, inundações e vendavais. Na região Sul, as porções oeste dos três estados são mais recorrentemente afetadas com enxurradas e inundações. Os eventos relacionados a vendavais, granizo e movimentos de massa são também responsáveis por desastres significativos nesta região.

No Brasil desastres são classificados pelo Estado com escalas e definições para tal, pois é do poder público a responsabilidade por coordenar as respostas ao desastre, e atestar situações de Emergência e Calamidade Pública de um município e região. A definição de desastre do Ministério da Integração é:

Desastre: resultado de eventos adversos, naturais ou provocados pelo homem sobre um cenário vulnerável, causando grave perturbação ao funcionamento de uma comunidade ou sociedade envolvendo extensivas perdas e danos humanos, materiais,

¹ O número de desastres aumentou significativamente no último século, dado também pelo fato de o crescimento populacional em escala mundial, porém o número de vítimas fatais vem reduzindo drasticamente. LOPES, Alfredo Ricardo Silva. **Desastres socioambientais e memória no sul de Santa Catarina (1974-2004)**. Tese (Doutorado), Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e ciências humanas, programa de pós-graduação em História. Florianópolis, 2015. P. 4

² HIGASHI, Rafael A. dos Reis et al. **Atlas brasileiro de desastres naturais 1991 a 2010**: volume Brasil. Centro Universitário de Estudos e Pesquisas sobre Desastres. Florianópolis: CEPED UFSC, 2012. Disponível em: <http://150.162.127.14:8080/atlas/Brasil%20Rev.pdf> > Acesso em: 16 mar.2017

econômicos ou ambientais, que excede a sua capacidade de lidar com o problema usando meios próprios³

No entanto, a definição de desastre foi modificando nos últimos anos, inicialmente entendido como resultado de um evento danoso aos seres humanos, atualmente pode-se considerar desastre até um ecossistema inteiro que não exista seres humanos (CASTRO, 2005).

Este trabalho tem como objetivo buscar compreender como ocorreu o processo de construção social das enchentes em Saudades em perspectiva de desastres socioambientais. Através da História Ambiental, com foco no campo dos desastres, partindo da história local e regional, levando em consideração os registros de várias enchentes, dando um foco especial as enchentes de 1990 e 2015.

As enchentes de 1990 e 2015 foram escolhidos por serem as duas últimas grandes enchentes, que causaram danos de grande monta e fizeram o governo municipal de Saudades decretar Situação de Calamidade Pública.

Para a realização desta pesquisa, foram utilizadas uma grande diversidade de fontes, as principais e que mereceram uma análise específica foram as fotografias e jornais. As fotografias conseguidas através do Museu municipal Victorino A. Lenhardt, e com o assessor de imprensa da prefeitura de Saudades Iedo Zorteia. Os jornais utilizados: jornal Local conseguido no arquivo do jornal A Fonte (2015); e jornais regionais (Diário da Manhã 1990, Voz do Oeste e Gazeta da Manhã 2015) foram conseguidos através da Biblioteca Pública Neiva Maria Andreatta Costela de Chapecó.

A partir do começo do século XX, com o surgimento do grupo da Revista dos *Annales* a noção do que poderia ser uma fonte história foi se alargando, assim a História Tradicional, que privilegiava documentos oficiais, foi superada e atualmente todos os vestígios do passado são considerados matéria para o historiador (CARDOSO, MAUD, 1997, p.402). Assim sendo as fotografias ganham espaço como fonte para o historiador, para análise e chegar aquilo que não foi revelado pelo olhar fotográfico, em uma rede intrincada que envolve homem e signos. Da mesma forma aconteceu com os jornais que também ganharam espaço, mas é preciso saber seu lugar de inserção e inserir na crítica competente do jornal como fonte, mais também como objeto (LUCA, 2011, p.141).

³ BRASIL. Ministério da Integração Nacional. Instrução Normativa 01 de 24 de agosto de 2012. Disponível em: < <http://www.mi.gov.br> > Acesso em: 10 de mar. 2016.

Outras fontes foram utilizadas como suporte ao trabalho, vários documentos oficiais: informativos da prefeitura municipal, dados da Defesa Civil municipal, relatórios governamentais e decretos municipais.

A relevância deste trabalho se justifica por ser um dos primeiros trabalhos de História Ambiental com foco em enchentes no campo da história dos desastres na região Oeste de Santa Catarina, haja visto que trabalhos sobre enchentes são comuns na região litorânea do estado, principalmente no Vale do Itajaí⁴. Além disso, existe poucos trabalhos de cunho acadêmico sobre a história de Saudades, desenvolvidos por historiadores, e quase nenhuma referência as enchentes e a relação com a população, bem como com as políticas públicas, por isso, este trabalho busca contribuir com novos olhares sobre Saudades, relacionando problemas ambientais e sociais.

Este trabalho é dividido em três capítulos. O primeiro capítulo intitulado “ História Ambiental e Desastre”, busca apresentar a História Ambiental, compreender seu percurso e suas problematizações, principalmente no campo da história dos desastres ao qual a pesquisa se enquadra, servindo de suporte para compreender o caso das enchentes em Saudades.

O segundo capítulo intitulado “Saudades aspectos naturais e históricos” apresenta aspectos gerais do município como dados demográficos, políticos, clima, vegetação. Além disso, apresenta a história do município relacionando com as enchentes mais relevantes que o afetaram, por fim, faremos neste capítulo uma análise das enchentes através de uma sequência de fotografias.

No terceiro capítulo com o título “Imprensa, Enchentes e Políticas Públicas” analisamos as fontes de imprensa, de modo que possamos compreender a narrativa dos desastres estudados, ou seja, a enchente de 05 de junho de 1990 e a enchente ocorrida em 14 de julho de 2015, e dos estragos e impactos ocasionados por elas. Focando nas notícias dos jornais sobre o desastre, seus impactos e medidas emergenciais, nesse sentido, ainda nos valem do auxílio de documentos oficiais e relatórios governamentais.

⁴ Enchentes em cidades importantes como Blumenau e Rio do Sul são bastante estudadas, a exemplo de alguns capítulos no livro **Desastres Sociambientais em Santa Catarina**. NODARI, Eunice Sueli; ESPÍNDOLA, Marcos Aurélio; LOPES, Alfredo Ricardo Silva (Orgs) São Leopoldo: Oikos, 2015 - PAULA, Simone Mendes de. As enchentes em Blumenau: um desastre anunciado. P.52-67 - NODARI, Eunice Sueli; ESPÍNDOLA, Marcos Aurélio. Desastres surpreendentes, enchentes rotineiras vulnerabilidade e políticas públicas em Rio do Sul (SC).

2 HISTÓRIA AMBIENTAL E DESASTRE

Neste capítulo será debatido a História Ambiental, conhecendo esse campo da história que é relativamente novo, buscaremos expor seu percurso acadêmico e suas problematizações em um esforço para compreender as relações entre o homem e a natureza no tempo.

Utilizaremos a metodologia da História Ambiental no campo da história dos desastres na presente pesquisa sobre as enchentes em Saudades, Santa Catarina, por isso é importante compreender sua trajetória, aprofundando conceitos principalmente sobre Desastre, Risco e Vulnerabilidade.

Os desastres decorridos das enchentes são resultado tanto de fatores naturais (chuvas intensas, declividade, tipo de solo, etc.) como de ações Antrópicas (desmatamento, ocupação desordenada, urbanização, industrialização, etc.) (NODARI, ESPÍNDOLA, LOPES, 2015), além disso, determinado evento só se torna um desastre a partir da percepção e da presença humana.

2.1 CONHECENDO A HISTÓRIA AMBIENTAL

A preocupação com a relação do homem e a natureza sempre foi objeto de estudo por parte da disciplina História, e também por intelectuais em diversas épocas, no entanto, não estava presente o foco na relação entre humanos e natureza. Com esse intuito surge a História Ambiental como campo de estudo da História na década de 1970.

Conforme Donald Worster (1991), em seu artigo *Para Fazer História Ambiental*, a década de 1970 foi uma época de reavaliação, as questões ambientais entraram em voga, tanto pelo crescimento do movimento ambientalista, quanto pela crise global. Assim desde então várias ciências incluíram a problemática ambiental, como foi o caso da História com o campo da História Ambiental.

A História Ambiental nasceu, portanto, de um objetivo moral, tendo por trás fortes compromissos políticos, mas, à medida que amadureceu, transformou-se também num empreendimento acadêmico que não tinha uma simples ou única agenda moral ou política para promover. Seu objetivo principal se tornou aprofundar o nosso entendimento de como os seres humanos foram, através dos tempos afetados pelo seu ambiente natural e inversamente, como eles afetaram esse ambiente e com que resultados (WORSTER, 1991 p.199).

De acordo com Worster duas grandes correntes historiográficas marcaram o começo do estudo da História Ambiental, a escola Norte-americana e a francesa escola dos *Annales*. O americano Roderick Nash tentou delimitar esse novo campo com o ensaio *A Situação da História Ambiental* (1970) e com os franceses em 1974 quando publicado uma edição especial da revista dos *Annales* dedicada a *Histoire et environnement*.

A História Ambiental foi formulada para atender os anseios da sociedade devido a ascensão de uma consciência ambientalista global na década de 1970, porém se para uns a história se guiar por compromissos políticos é problemático, para outros vai ao encontro do pensamento de diversos historiadores como Lucien Febvre, o qual frequentemente teorizava, “sobre o fato de o historiador não estar isolado do seu tempo e sempre mirar o passado com as perguntas do presente” (PÁDUA, 2010 p.81).

O mesmo pensamento compartilhado por Claiton Marcio da Silva, Marlon Brandt e Miguel Mundstock Xavier de Carvalho, no capítulo “Uma História Ambiental da Fronteira Sul: campos, florestas e agro ecossistemas”, no livro *História da fronteira sul* onde apontam:

A História Ambiental surge respondendo aos anseios da sociedade por saber mais sobre o impacto humano na natureza ao longo do tempo, procurando alternativas ou lições no passado que possam ser úteis para os problemas ambientais contemporâneos (2015, p.271).

A História Ambiental vem se solidificando no mundo e também no Brasil nos últimos anos, pode-se afirmar que na última década o campo se consolidou com incorporação dos estudos em programas de pós-graduação e com a criação em 2004 da Sociedade Latino-Americana e Caribenha de História Ambiental (Solcha)⁵ e do Grupo de Trabalho Nacional de História Ambiental da Anpuh⁶, criado em 2013.

A história dos desastres é uma das possibilidades de estudo da História Ambiental e vem ganhando notabilidade pela proliferação de estudos sobre os mais diversos episódios de desastres socioambientais, compreendido como tal superando o termo “desastres naturais”⁷, pois apesar de em muitos desastres o fator natural ser decisivo para o desencadeamento do

⁵ Para maiores informações sobre a Sociedade Latino-Americana e Caribenha de História Ambiental. <https://solcha.uniandes.edu.co/index/>

⁶ Para maiores informações do GT de História Ambiental: <http://gthistoriaambiental.org.br/index.php>

⁷ Termo usado principalmente por órgãos governamentais como Defesa Civil, no qual coloca como desastres naturais aqueles provocados por desequilíbrios da natureza, e não provocados pelo homem, em todo caso, dificulta a objetividade pois na grande maioria dos desastres a uma contribuição subjetiva do ser humano, nesse sentido a perspectiva de Desastres Socioambientais é mais fácil de usar pois “advém do entendimento de como o fenômeno é , enquanto um evento em diferentes escalas, ao mesmo tempo de origem física e humana” (NODARI; ESPÍNDOLA; LOPES, 2015, p7)

desastre, a presença e a percepção humana são essenciais para que possam ser vistos como desastres.

A História Ambiental contribui para que os desastres possam ser vistos além do que apenas fenômenos “naturais” ou mandato divino. No entanto não devemos somente atribuir a culpa a ação antrópica, pois “existem alguns perigos quando se vê a ação humana como responsável por todo e qualquer desastre, pois os componentes naturais estão incessantemente presentes na ‘equação’ desastre”, conforme alerta Lopes (2015 p.3).

Assim como, associar os desastres somente a fenômenos naturais torna o ser humano isento sobre os mesmos. O que de fato é enganoso, pois notoriamente se não houver ação e presença humana as enchentes apenas vão causar a cheia dos rios, mas a partir que atinge população e propriedades ganha a conotação de desastres (KLANOVICZ, 2008).

2.2 TRAJETÓRIA E CONCEITOS DA HISTÓRIA DOS DESASTRES

A História Ambiental preocupa-se em estudar esses fenômenos ambientais como: a transformação de ambientes a contaminação da água, do ar, do solo; catástrofes naturais, pois eles tornam-se crescentes e desencadearam efeitos sobre a vida humana, para as quais são buscadas alternativas nos dias que correm (MARTINEZ, 2006).

Não é difícil lembrar de alguns desastres históricos e recentes, que quando ocorrem afetam pessoas e merecem grande destaques na mídia, e geram pesquisas em vários campos de estudo. Fenômenos como a erupção de vulcões, furacões que atingem a América do Norte e o Caribe constantemente, no Brasil o furacão Catarina que causou grandes estragos na região sul do estado de Santa Catarina em 2004.

Além disso, o caso recente mais emblemático de desastre socioambiental, o rompimento de uma barragem em Mariana (MG) que continha rejeitos de mineração que causou soterramento de comunidades e contaminou a bacia do rio Doce. Poderíamos também citar uma infinidade de eventos como: enchentes, secas e chuvas de granizo que ocorrem no Brasil especialmente em zonas temperadas como é o caso de Santa Catarina⁸.

O Estudo das enchentes um dentre a gama de diversos desastres que ocorrem ao redor do mundo. Nesse sentido, as narrativas de notícias de catástrofes são semelhantes principalmente na construção social do desastre (KLANOVICZ 2008 p.13), porém particulares

⁸ Conforme constata-se no Atlas de Desastres Naturais do Estado de Santa Catarina, o Estado sofre vários tipos de desastres também pela sua região sofrer interferência de diversas sistemas climáticos.

no sentido específico de cada sociedade, formas de lidar com o evento, de percepções, de atribuir culpa ou responsabilidade, de memória e de divulgação do ocorrido.

Conforme o artigo *A natureza do Risco: Paisagem e risco na análise de desastres ambientais* de Alfredo Ricardo Silva Lopes, há um recente interesse da pesquisa histórica em desastres:

Ao debater a pesquisa dos desastres na História Ambiental Christof Mauch enfatiza que só recentemente os desastres naturais entraram no foco da pesquisa histórica. Sobre a memória dos desastres explica que, diferentemente da memória de guerra, tem vida curta, pois assim que os níveis das águas voltam ao normal e os últimos destroços do terremoto são recolhidos, a grande mídia perde o interesse pelos desastres. Entretanto, destaca que mesmo assim catástrofes individuais têm exercido grande influência no curso da história humana (p.59, 2013).

No entanto, o campo da História Ambiental possui estudos que podemos considerar como de Desastres desde o início de sua disciplina na década de 1970, porém, atualmente é que avançaram em muito as pesquisas na análise de desastre, das formas que o enxergamos e como narramos em suas diversas especificidades.

Lise Sedrez historiadora ambiental no qual o seu mais recente objeto de estudo são as enchentes no Rio de Janeiro e em Buenos Aires (2016), traça uma trajetória de estudos considerados clássicos sobre desastres em *Desastres socioambientais, políticas públicas e memória - contribuições para a História Ambiental* (2013). Faz referência as obras de um dos fundadores da História Ambiental nos Estados Unidos Donald Woster, que em 1979 escreveu o livro *Dust Bowl: the southern plains in the 1930s*, um estudo sobre as tempestades de pó nas planícies centrais dos EUA. Os agricultores chegaram nas planícies centrais americanas, motivados pelos incentivos na primeira guerra mundial, transformaram o ambiente, plantaram novas culturas, expandiam a fronteira agrícola e junto com ela ocorreu a vinda da infraestrutura capitalista, porém a abundância dos anos 1920, acabou nos anos trinta com uma década de seca, e regimes de ventos que levantavam nuvens de poeira. Isso fez com que muitos imigrantes que haviam chegado deixassem esse ambiente, e também naquela época houve a recuperação das grandes planícies, via educação por meio do estado e políticas públicas.

Woster estabelece nesta obra um padrão para o estudo de desastres em História Ambiental. Ele não só estuda o fenômeno em si, mais a implantação do sistema de produção que gerou a catástrofe, e os planos emergenciais e de socorro após o evento. Desastre não é visto aqui como na narrativa tradicional, em fases cíclicas de “alerta, pré alarme, crise, resgate, reabilitação e reconstrução”, mas como um processo complexo em que as causas sociais do fenômeno, a forma como a sociedade interage com o meio, via ocupação ou estabelecimento de políticas, são componentes tão importantes como os ventos e as tempestades de poeira. (SEDREZ, 2013, p.189)

Ted Steinberg, vinte anos depois de Worster, traz a ideia de desastre para o centro da História Ambiental. Em seu *Acts of God: The Unnatural History of Natural Disaster in America*, publicado originalmente em 2000, Steinberg propõe uma história de desastres ambientais nos EUA. Segundo Sedrez (2013, p.189-190), ele em seu livro seleciona aqueles desastres que permitem entender melhor como as sociedades experimentam os momentos mais dramáticos de crises com o ambiente que vivem. “Acts of God”, “Atos de Deus” na tradução é uma provocação, são utilizados em apólices de seguro para definir eventos imprevisíveis que afetam uma região ampla, os quais normalmente as seguradoras não cobrem. Evoca uma questão sobre a autoria dos desastres, pois “se as chuvas, terremotos, furacões e erupções são atos de Deus (ou da natureza) não há nada que as vítimas poderiam ter feito”. Visto de um ponto como castigo, porém Steinberg desconstrói a ideia do desastre como “natural” ou “mandato divino”, demonstrando nos casos escolhidos que os desastres maximizaram seus efeitos por ações humanas e políticas.

Estes dois trabalhos evocam questões importantes e norteiam a pesquisa histórica sobre desastres, questões como vulnerabilidade e desigualdade entram nesse debate com a contribuição de Steinberg, pois determinados grupos são mais ou menos expostos a desastres e suas consequências.

Outros trabalhos relevantes que Lise Sedrez cita aumentam o conceito de desastres como os estudos de Alfred Crosby, com seus livros *Columbian Exchange* (1972) e depois *Ecological imperialism* (1986), que trabalha o extermínio dos índios com a chegada dos conquistadores europeus como um desastre ambiental, pois a chegada deles trouxe uma gama de elementos exóticos e patogênicos que alteraria o ambiente do novo mundo como dentro dos corpos dos humanos.

Outro relevante estudo é o livro *Desastres Socioambientais em Santa Catarina* (2015), organizado por Eunice Sueli Nodari, Marcos Aurélio Espíndola e Alfredo Ricardo Silva Lopes, que reúne vários trabalhos sobre desastres e políticas públicas no estado, o qual é historicamente atingido por inúmeros desastres, dentre eles as inundações urbanas uma das mais frequentes. Os autores fazem um levantamento de desastres conceituando-os como socioambientais pois entendem que o fenômeno é um evento em diversas escalas, ao mesmo tempo de origem física e humana, a mesma perspectiva que utilizamos na pesquisa.

Apontamentos teórico-metodológicos para uma História Ambiental dos desastres “naturais” em Santa Catarina de Jó Klanovicz (2008) discute aspectos teóricos e metodológicos para trabalhar com desastres “naturais”, neste artigo não se apresenta a ideia socioambiental apesar de problematizar o termo de “desastres naturais” pois passa uma

impressão da ausência do fator humano na equação do desastre. Além disso, esse artigo discute o papel da imprensa na construção de narrativas sobre desastres conforme utilizaremos na presente pesquisa, o que permite pensar a relação entre desastre, cultura, ambiente e história, sobre cultura de desastre, resiliência e a relação com a mídia.

Seguindo a discussão, para compreendermos mais o debate da história dos desastres, tratando de sua trajetória e constituição histórica, Lopes (2013, p.59) refere ao texto Greg Bankoff *Comparando Vulnerabilidades: para traçar uma trajetória histórica de desastres*, no qual demonstra que os desastres têm duas trajetórias históricas uma natural que envolve os riscos físicos; outra social que é largamente determinada pela cultura. Em seu trabalho, afirma que essas duas faces dos desastres devem ser relacionadas para se mensurar como diversas sociedades se adaptam ao ambiente em que estão inseridas, pois os desastres não devem ser vistos apenas como eventos destrutivos, mas, também, transformativos.

Para Bankoff os diversos desastres que ocorrem são compreendidos para além do fenômeno natural que o desencadeia, mais para sua multiplicidade de fatores que se entrelaçam para a sua constituição em: conjunturas sociais, econômicas, culturais e naturais que exprimem em cada caso contextos específicos.

Oliver-Smith citado por Lopez (2013), define desastre como processos que demonstra que a vulnerabilidade é constituída por fatores naturais e sociais, na relação entre cultura e natureza. E em grande parte os efeitos dos desastres são seletivos na medida em que há uma distribuição desigual na sensação de insegurança e risco, costumeiramente as áreas de risco como por exemplo as encostas de rios são ocupadas pelas populações mais pobres por ser mais barata a aquisição. Tal fato maximiza a vulnerabilidade o que se enquadra nos estudos de Steinberg (2000), citado anteriormente por Sedrez (2013), sobre grupos mais ou menos vulneráveis pela desigualdade social existente.

Em Saudades encontramos duas realidades na população residentes próxima ao rio, bairros com pessoas mais pobres, mas também há locais mais nobres da cidade no centro que estão localizados próximo ao rio e são afetados pelas enchentes, mas com capacidades distintas de reconstrução dos prejuízos.

No entanto, se tratando de Desastres é fundamental debater a noção de risco ao qual o sociólogo alemão Ulrich Beck em *Sociedade de Risco* (2010) desenvolve o argumento que o risco se fez presente em todos os setores da atual sociedade globalizada, assim sendo, não respeitando fronteiras e classes sociais afetando todos. Define a sociedade de risco como aquela onde a aceitação dos riscos é essencial e anterior a produção de riqueza, diferente do modelo do início da Revolução Industrial onde o risco surgia como consequência da produção de

riqueza. Na sociedade de risco a incerteza ofusca até mesmo o “progresso” científico tecnológico, “eles (os riscos) já não podem mais ser limitados geograficamente ou em função de grupos específicos” (BECK, 2010, p.16).

Beck escreveu a obra em um momento do acidente com a usina nuclear de Chernobyl e concluiu que não existia mais fronteiras para os riscos que os seres humanos criaram na sociedade industrial, na formação de uma modernidade globalizada, radicalizada e tardia, conectada numa mesma experiência mundial, onde o risco não respeita mais fronteiras, e classes sociais. O mal que os seres humanos fazem a humanos não está só sujeita a categoria do “outro”, mas também a si mesmo, “pois, a miséria pode ser segregada, mas não os perigos de uma era nuclear” (BECK, 2010, p.8)

Conforme Beck, os problemas ambientais não são problemas do meio ambiente ou da natureza e sim do ser humano, de sua vida, sua história, cultura e política que transforma e modifica o meio natural. Destaca que a situação exige o fim da contraposição entre natureza e sociedade, as teorias sociais que conceberam a natureza como algo a ser subjugado, como um elemento social, produziram esse processo industrialização e produção de riscos.

O que se pode visualizar é que os desastres vem sendo muito discutido e trabalhado nas últimas décadas, pois com o progresso humano, a excessiva busca por ganhos econômicos, faz com que a preocupação com o meio ambiente muitas vezes seja esquecida ou pouco discutidas, mas o homem se encontrando com situações extremas, os valores se inverteram, pois desastres socioambientais colocam em risco o “progresso” e a vida humana, e são procuradas as soluções e as causas do que desencadeiam ou potencializam essas situações extremas.

A História Ambiental no campo dos desastres nos auxiliará metodologicamente no presente trabalho, para a compreensão da construção das enchentes vistas como desastre, nos seus impactos para a população em seus processos de constituição histórica de fatores naturais, bem como de fatores culturais (interferências antrópicas) para o desencadeamento do desastre.

3 SAUDADES ASPECTOS NATURAIS E HISTÓRICOS

Entendendo que para compreender o processo de construção das inundações vistas como desastre precisamos conhecer as dinâmicas ambientais locais, fazer um levantamento do seu ambiente natural e suas transformações, bem como, do seu ambiente cultural, ou seja, a interação dos humanos com esse ambiente, a ocupação do território e seus usos. Neste capítulo apresentaremos Saudades (SC), o nosso local de estudo em seus diversos aspectos naturais e histórico

As enchentes de grande ou pequena proporção ocorridas em Saudades são processos naturais, para isso dedicamos parte do capítulo para compreensão do fenômeno que desencadeia as fortes chuvas e os aspectos físicos da cidade principal área atingida.

Finalizamos este capítulo com as iconografias das enchentes mais marcantes, utilizando a fotografia como fonte de análise a qual uma sucessão de imagens de várias enchentes de grande porte, nos indica leituras sobre a construção social do desastre e o aumento de seus impactos para a população atingida.

3.1 LOCALIZAÇÃO E CARACTERÍSTICAS GERAIS DO MUNICÍPIO

O Município de Saudades (mapa 1) está localizado no Oeste de Santa Catarina, a uma distância de 65 km de Chapecó principal cidade da região e 630 km da Capital do estado Florianópolis. Situado a uma altitude de 400m em relação ao nível do mar, seu território faz divisa com os municípios de Pinhalzinho e Modelo ao norte, Cunha Porã ao Oeste, Cunhataí e São Carlos ao Sul, Nova Erechim Leste.

Possui uma população estimada em 9.524⁹ habitantes sendo um pequeno município, com um território 206,596 Km², pela densidade demográfica de 46,64 hab/Km², com a maior parcela residindo na área urbana, conforme censo demográfico de 2010 (IBGE) são 5.123, enquanto 3.893 residem na área rural.

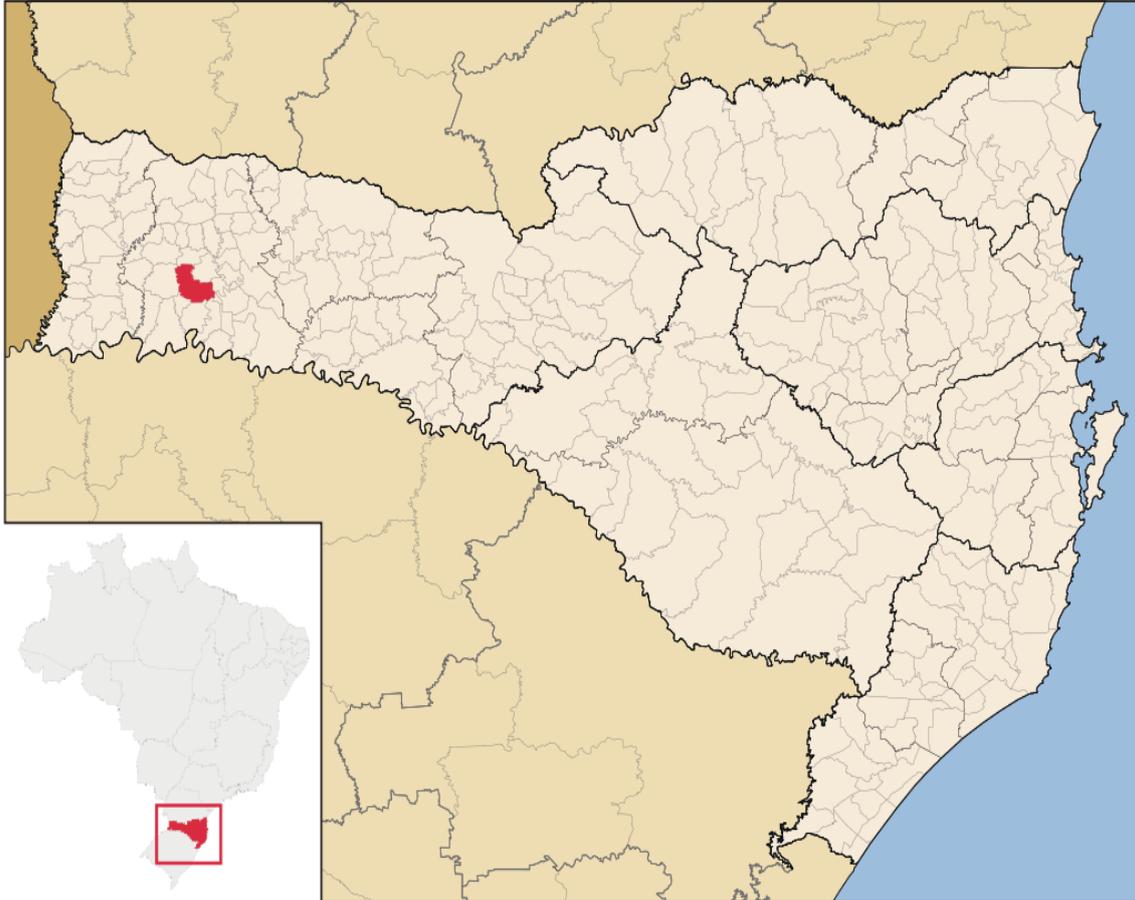
De acordo com o mapa de Climas do Brasil, produzido em 2002 pelo IBGE¹⁰, podemos classificar o clima de Saudades como Temperado de categoria Mesotérmico Brando

⁹ Dados IBGE, estimativa de população em 2016, no Censo de 2010 apresenta 9016 pessoas. Disponível em >
<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=4217303>< Acesso em: 03. Ago.2016

¹⁰ IBGE. **Mapa de Clima do Brasil**. Disponível em: ftp://geoftp.ibge.gov.br/informacoes_ambientais/climatologia/mapas/brasil/clima.pdf . Acesso em: 22 mar.2017

(temperaturas médias 10 e 15°C) Super úmido. Com uma temperatura máxima de até 38° C e mínima de até -2°C, as chuvas são bem distribuídas praticamente durante todo o ano.

Mapa 1- Localização do município de Saudades em Santa Catarina.



Fonte: Mapa de Santa Catarina com a localização do município de Saudades em vermelho. Disponível em: <http://www.planetabolaeventos.com.br/home.php?op=1&cv=%2012>. Acesso em: 22 de mar. 2017.

As média pluviométrica anual¹¹ histórica é de 1796,5 milímetros, distribuída: Janeiro 168,4mm, fevereiro 162,5mm, março 137,8mm, abril 150mm, maio 133,9mm, junho 154,2mm, julho 130,5mm, agosto 128,2mm, setembro 169,6mm, outubro 201,9 mm, novembro 135,6mm, dezembro 151,7mm. Nota-se que a média gira em torno de 100 a 200 milímetros.

Conforme o Mapa de vegetação do Brasil IBGE¹², A vegetação natural original de Saudades fica em uma área de transição contendo Floresta Ombrófila Mista (FOM) conhecida também por floresta de Araucária pela grande presença dessa árvore, que é a vegetação do planalto meridional brasileiro e a Floresta Estacional Decidual (FED) que apresenta na região do vale do rio Uruguai, com a característica de perda de mais de 50% das folhas na estação fria.

¹¹ Dados obtidos através da defesa Civil Municipal. Estação pluviométrica Saudades código (02653007). Jul.1964- jun. 2014.

¹² IBGE. Mapa de Vegetação do Brasil. Disponível em: < ftp://geoftp.ibge.gov.br/informacoes_ambientais/vegetacao/mapas/brasil/vegetacao.pdf > Acesso em: 24 de mar. 2017

Vale ressaltar que a vegetação de Saudades e região foi altamente explorada, para comercialização de madeira, e abertura de lavouras, a partir da atuação da companhia Companhia Sul Brasil, que comercializava as terras a colonos a partir das décadas de 1920 e 1930, e praticou uma exploração desenfreada promovendo uma verdadeira devastação de madeiras como o louro, cedro e pinheiro (WERLAND, 2006, p.122). Predominando hoje uma cobertura vegetal secundária e terras agricultáveis no município, com fragmentos de matas.

Fotografia 1 -Vista Aérea da cidade de Saudades



Fonte: Fotografia da vista aérea de Saudades. **Blog Associação grupo de danças Jugend Vorwärts**. Disponível em: <http://gruposjugendvorwärts.blogspot.com.br/2011/06/imagens-do-municipio-de-saudades-sc.html>. Acesso em: 22 de mar. 2017

O município de Saudades está localizado dentro da bacia hidrográfica do rio Saudades (Mapa 2), que é uma sub-bacia que compõe a região hidrográfica RH2 – Meio Oeste (Bacia do rio Chapecó). A sede do município de Saudades está inserida no baixo curso da sub-bacia do rio Saudades que corta a cidade, tendo como afluentes no perímetro urbano o rio Taipas e rio Bonito, sendo estes os rios que causam transtornos com eventuais cheias dos rios.

A bacia do rio Saudades tem uma área de drenagem de 496 Km², tendo sua nascente entre os municípios de Bom Jesus do Oeste e Serra Alta, percorrendo os municípios de Modelo, Pinhalzinho e Saudades encontrando sua Foz no rio Chapecó como podemos visualizar no Mapa (Mapa 2).

No entanto devemos tomar cuidado e não incorrer na visão de alguns historiadores, que colocam os colonos migrantes como grandes desbravadores do desconhecido, o que de fato é enganoso, pois desconsidera os grupos já existentes na região, e os “povos indígenas viveram por séculos no planalto sul brasileiro, produzindo queimadas para cultivar lavouras e caçando animais selvagens” conforme alerta Miguel M. X. de Carvalho (2010, p.39).

Já os povos indígenas são os habitantes tradicionais destas terras, com estimativas de sua presença há mais de 4 mil anos a.C. na Bacia do rio Chapecó, organizavam seu povoamento na região com base nas características geográficas. A flora e a abundância de animais de médio porte, junto com facilidade de água doce, favoreciam o surgimento de povos com características de caça e coleta. Conforme pesquisas arqueológicas praticavam agricultura do tipo rudimentar e produção de vasos cerâmicos por volta de 140 d.C. sendo principalmente dos grupos Tupi-guarani, Kaingang e Xokleng (DMTRUK, 2006 p.112).

Nesta região se estabeleceram também sertanejos pobres chamados de caboclos que é de difícil conceituação, que por vezes são mais próximos pelos traços culturais do que étnicos. Caboclo é a forma como comumente são denominados uma parcela da população habitantes do oeste catarinense, sudoeste do Paraná e norte do Rio grande do Sul, pobres e habitantes do meio rural, que por vezes eram posseiros das terras que habitavam sem a escritura legal (MACHADO, 2012).

Se tratando do território Oeste catarinense, estas terras tiveram muitas disputas pela sua posse. A primeira delas deu-se entre os impérios de Portugal e Espanha pelo traçado de suas fronteiras as quais foram resolvidas com o tratado de Madri em 1750, porém uma questão de nomes dos rios que serviram como marco (Rios Peperiguaçu e Santo Antônio) foram questionados pelos espanhóis, permanecendo a disputa (WERLANG, 2006).

A disputa Fronteiriça foi herdada por Brasil e Argentina, ficando conhecida como a Questão de Palmas. A região passou a ganhar importância, pelo interesse econômico despertado no final do século XIX por suas terras e madeiras. A questão entre os dois países foi mediada pelo presidente americano, Grover Stephen Cleveland que deu ganho de causa ao Brasil em 6 de fevereiro de 1895.

Com a definição da Questão de Palmas, a disputa se tornou interna entre os estados do Paraná e Santa Catarina, que passaram a disputar a região para definir seus limites. A questão foi ganha por Santa Catarina no Supremo Tribunal Federal em 1904, e repetido o resultado em mais dois recursos 1909 e 1910, porém o estado do Paraná ignorou a decisão causando tensão na região. A questão serviu de pano de fundo na eclosão da Guerra do Contestado

principalmente no meio Oeste catarinense, que se deu entre caboclos destituídos de suas terras por causa da construção da Estrada de ferro São Paulo- Rio Grande e o exército brasileiro.

A Guerra terminou em 1916 resultando milhares de mortes. Após o conflito o presidente da República, Wenceslau Braz, preocupado com os rumos da questão intercedeu um “acordo” dividindo o território Contestado em duas partes, ficando aproximadamente 20 mil Km² com o Paraná, e 28 mil Km² com Santa Catarina (WERLANG 2006, p.28)

Após resolvida as pendências e disputas territoriais o governo catarinense trabalha para colonizar a região Oeste:

Em 1917, o Governo resolveu “colonizar” o Oeste Catarinense. Para isso, as áreas de florestas e de campos foram divididas em pequenos lotes, chamados colônias, e vendido aos colonos do Rio Grande do Sul. Esses agricultores eram descendentes de alemães e italianos e poloneses, dedicavam-se ao cultivo na pequena propriedade, em trabalho familiar e migraram para colonizar o Oeste Catarinense. (RENK, 1990, p.10)

Com a concessão do estado catarinense as companhias colonizadoras começaram a atuar no Oeste. Saudades foi colonizada a partir da atuação da Companhia Territorial Sul Brasil, que possuíam uma área para explorar a madeira e realizar a colonização partindo do rio Uruguai, para o norte entre o rio Chapecó e o rio das Antas em uma área de 2.467.074.800m² (WERLANG, 2006, p.51).

Conforme cita Alceu Werlang (2006, p.64), foram destinadas segundo planos da Companhia a teuto-brasileiros (alemães) católicos as terras situadas entre os rios Chapecó e rio Barra Grande que se encontra atualmente os municípios de São Carlos, Cunhataí, Saudades e Pinhalzinho. Dividindo áreas levando em consideração grupo étnico e o credo religioso, para facilitar a formação de comunidade e a fixação das pessoas ao local, o que ainda hoje verificasse com predominância da população de descendentes de alemães de religião católica nestes pequenos municípios.

Os primeiros imigrantes alemães, vindos de antigas colônias do Rio Grande do Sul, chegaram em 1931, se estabeleceram as margens do Rio Saudades, formando uma comunidade, onde conforme planos da Companhia Colonizadora formariam um núcleo urbano. Esse núcleo deram o nome de Saudades pois sentiram saudades de suas antigas moradias no Rio Grande do Sul.

O estabelecimento do núcleo urbano de Saudades foi planejado pela Companhia Colonizadora Sul Brasil. Quando da assinatura do contrato de colonização das terras entre a Companhia e o Estado o dono da Cia. “José Rupp comprometeu-se em demarcar os núcleos urbanos a uma distância de 30 a 40 quilômetros um do Outro. Neste contrato, a empresa

reservaria terrenos apropriados para as praças públicas, construção de Igrejas, hospitais, escolas e cemitérios” (WERLANG, 2006, p.117)

Os colonos que chegaram em Saudades, vieram motivados pela escassez de terras nas “colônias velhas”¹³ no Rio Grande do Sul, onde a terra não era suficiente para a divisão entre os filhos, e também pela improdutividade do solo. As terras no oeste catarinense apresentavam como alternativas para que colonos pudessem se reproduzir como colonos e da terra tirar seu sustento (ROYGER, 1996, p.110-111).

A migração destes grupos sociais, de certa forma pode ser vista como fruto de fatores ambientais que contribuíram para sua decisão de sair de seus antigos locais de subsistência. Numa perspectiva próxima a que expõe Lübken (2013) de migração por fatores ambientais, como uma estratégia possível, vindo a se estabelecer em outro local e transformando seu novo local conforme suas experiências e seu modo e práticas correntes de vida e trabalho.

Os rios se mostraram importantes para a atuação da colonizadora, pois auxiliavam na demarcação dos lotes subordinada ao regime hidrográfico das áreas. Assim como, eram marcas para a construção de estradas principalmente as vicinais que eram construídas próximas aos leitos dos rios (WERLANG, 2006). Estabelecer as margens dos rios é uma cultura dos seres humanos, pois além de servir como locomoção, as águas dos rios servem para atender necessidades básicas e alimentação. Tal realidade não foi diferente na colônia de Saudades, que apresentava os lotes mais planos próximos ao rio.

Porém os rios impunham dificuldades, como é o caso do Rio Saudades que deveria ser transposto. Após a travessia do Rio Uruguai ao chegar à sede da companhia onde hoje é linha Passarinho município de Palmitos, para ir até seu lote adquirido em Saudades iriam por estrada que acabava no Rio Saudades, ou por balsa subindo o Rio Chapecó. No entanto a comunidade de Saudades existia dos dois lados do Rio a travessia de pessoas por muito tempo foi feita por um senhor que utilizava um barco a remo (SEVERO; ROYGER, 2012).

Os primeiros colonos que chegaram em Saudades se deparam com uma grande floresta, e passavam várias dificuldades até a chegada a seus lotes, conforme relato de Olga Kuhn: “Nós saímos de lá e viemos de caminhão até o rio aqui (Rio Saudades), daí tava tudo acabado, não tinha mais estrada, nada” (ROYGER, 1996 p.115).

¹³ “Colônias velhas” é um conceito que diz respeito a colonização do rio grande do sul por colonos migrantes de origem europeia nas regiões dos vales dos rios da depressão central do estado e também nas encostas inferiores da serra geral (WERLANG, 2006), contrapondo as “colônias novas” no norte do Rio Grande do Sul, oeste catarinense, sudoeste do Parana.

A vivência dos moradores na nova colônia nos primeiros anos é lembrada com muita dificuldade, onde a falta de assistência, sem organização comunitária, religiosa, escolas, e estradas, no meio da floresta corriam o risco de “acaboclamento”, ou seja, perder sua identidade cultural, o que para eles seria virar selvagens.

A agricultura era base da economia para a sobrevivência dos migrantes, para tanto era necessário desmatar a densa floresta, pois as terras eram férteis. Relato de Theobaldo Roos, para plantar era necessário “simplesmente derrubar o mato, depois lavrava e plantava. Não tinha que precisar de adubo, nem inseticida, nada, a terra era boa” (ROYGER, 1996 p.116).

No entanto, a retirada de cobertura vegetal para abrir lavouras e pelo comércio de madeira, se deu até nas matas ciliares que foi e é um fator contribui para o escoamento superficial e contribui para um volume maior de sedimentos seja carregado pelas chuvas e consequentemente aumenta o assoreamento dos rios, fator potencializador de inundações. Constatamos na região que estas práticas de retirada intensiva da cobertura vegetal iniciaram com a vinda dos colonos, incentivados pelo discurso de progresso e a necessidade de desmatar para produzir, bem como, pelo interesse das companhias colonizadoras em comercializar a madeira.

Conforme Eunice Nodari e Marcos Espíndola (2013) a chegada dos imigrantes europeus e seus descendentes nas terras do Oeste catarinense promoveram mudanças drásticas no ambiente, seja nos grupos já estabelecidos como na flora e fauna da região, exigiram adaptações das práticas socioculturais dos diferentes grupos.

Em prol da colonização e do progresso, a mentalidade vigente da época era a necessidade de desmatar para colonizar. Não havia preocupação com preservação e reflorestamento, nesse sentido “existe uma grande relação entre ocupação europeia e o desmatamento das florestas e as consequentes alterações ambientais que vem ocorrendo até os dias atuais” (NODARI; ESPÍNDOLA, 2013, p.168)

No núcleo urbano de Saudades, no início da colonização poucas casas foram construídas no local, pois, as famílias se deslocavam mais para a área rural, devido a produção agrícola. O primeiro loteamento feito pela companhia Territorial sul Brasil data de 1930, e observa-se um traçado linear acompanhando o rio Saudades (SEVERO; ROYGER, 2012). Este parcelamento contava com aproximadamente 346 lotes em áreas próximas de 1500 a 3500m². No entanto, vale ressaltar que saudades se manteve predominantemente rural até meados da década de 1990, com 68% da população vivendo na zona rural segundo censo IBGE de 1991.

O município que foi colonizado a partir da atuação da Colonizadora Sul Brasil, recebeu seus primeiros migrantes alemães católicos em 1931, e no ano de 1950 Saudades foi

considerada Distrito de Chapecó, que era o município que até a década de 1950 possuía no seu território quase a totalidade das terras da região Oeste catarinense. Em 1954 fez parte do novo município de São Carlos e somente no dia 30 de dezembro de 1961 foi emancipado.

O processo de ocupação de Saudades foi muito lento até 1950, quando Saudades foi elevado a condição de Distrito de Chapecó. Conseguindo juntar no pedido da comissão pró distrito uma contagem de mais de 5.000 moradores contando com a comunidade sede e várias linhas e comunidades, tornaram-se distrito, porém como destaca Severo e Royger (2012) as condições geográficas retardaram o seu desenvolvimento, por se localizar em uma região com muitos morros, com falta de estradas e isolada de outros municípios.

A população urbana começou a crescer principalmente após a emancipação 1961, seguido com o posterior desenvolvimento de indústrias locais nas décadas seguintes, destaque para eletrificação, setor moveleiro, setor calçadista e de confecções que empregam boa parte da população urbana hoje. Podendo constatar na Tabela 1.

Tabela 1- Demografia e Domicílios (1970-2010)

População residente e domicílios 1970 – 2010					
	1970	1980	1991	2000	2010
População	8787	9293	9072	8324	9016
Domicílios	1295	1635	2017	2083	2691

Fonte: IBGE. Disponível em: cidades.ibge.gov.br/painel/populacao.php?lang=&codmun=421730&search=santa-catarina|saudades. Acesso em: 11 abr. 2017

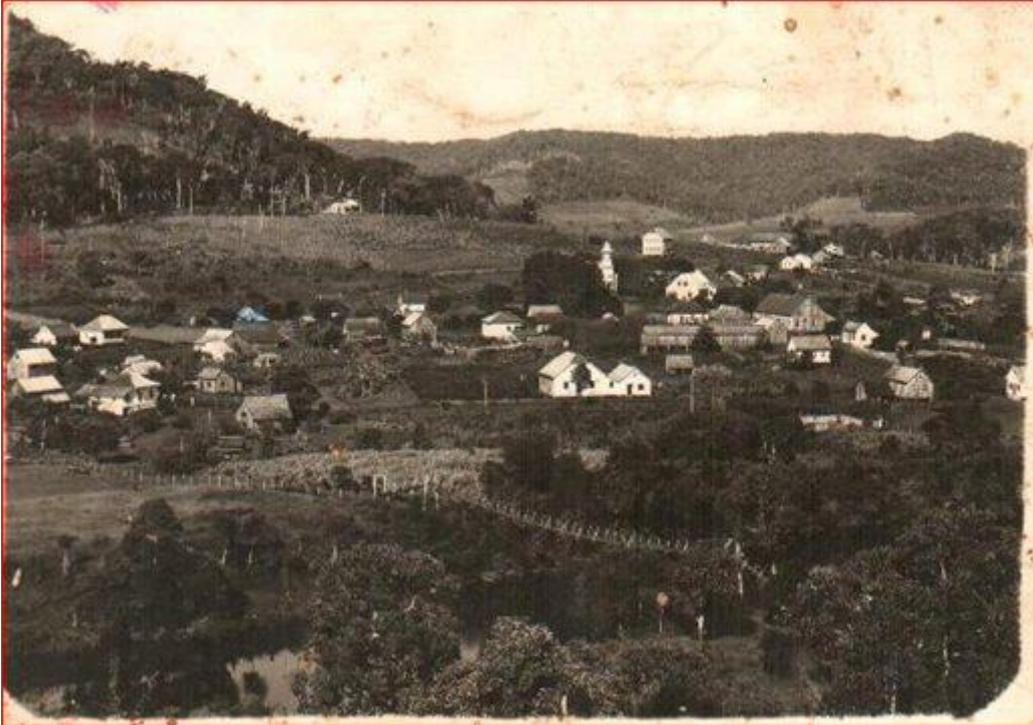
Verificamos que pelos dados demográficos de Saudades (tabela 1), a população de Saudades não demonstra aumento e sim uma evasão entre os censos de 1991 e 2000, voltando a crescer em 2010, no entanto o número de residências só cresceu, aliado as imagens da cidade em diferentes épocas, demonstra que o crescimento populacional ocorreu na região urbana enquanto na rural ocorreu um êxodo.

Contudo, observa-se que o crescimento ocorreu sem levar em conta a possibilidade de cheias do rio, pois analisando fotografias antigas como a fotografia da cidade na década de 1940 (fotografia 2), mantinha-se uma distância das construções em relação ao rio, aproximadamente uns 100 metros, o que não observa atualmente. Vale ressaltar que a igreja está em um local sem risco a

O crescimento urbano alcançado, e o avanço imobiliário convivem com recorrentes enchentes, por isso é fundamental ver e entender a relação das enchentes com o clima que é o agente natural que desencadeia a chuva, que pode resultar em um desastre na cidade, pela

relação da chuva somada as ações humanas, que transformaram as planícies baixas a margem do rio uma área suscetível de risco a inundações.

Fotografia 2: Comunidade de Saudades 1945



Fonte: Arquivo do Museu Municipal Vitorino A. Lenhardt

3.3 CONVIVENDO COM AS ENCHENTES

Desde sua colonização Saudades conviveu com várias enchentes, comprovadas por inúmeros documentos, porém esses não são fatos que aparecem como ponto de inflexão na história do município, elas figuram apenas como registros. É o caso da produção de Severo e Royger (2012) **Saudades: uma história em fatos, imagens e relatos**, que, apresenta uma história dos episódios mais importantes de Saudades.

Merecem registro no livro apenas as maiores enchentes sofridas, pois é comum com fortes chuvas as águas saírem de seu leito no Rio Saudades bem como de seus afluentes, no entanto, só as grandes inundações é que causam maiores estragos, e estas são lembradas, merecendo destaque para as enchentes de 1940, 1964, 1972, 1983, 1990 e 2015.

Conforme o relatório do Serviço Geológico do Brasil- CPRM, do Ministério de Minas e Energia (2016, p.4), que relata segundo dados da estação fluviométrica Saudades (COD. 73900000), a cota média do rio Saudades encontra-se em 0,96 m (dado bruto). As inundações

ocorrem a partir da elevação das águas na ordem de 6 m, causando transtornos em alguns pontos da cidade.

Os registros e marcações sistematizadas sobre o nível do rio apresentam dados apenas a partir de 1990, um dos motivos que nos levou a optar pelo estudo de duas enchentes mais específicas. A inundação de 05 de junho de 1990, dia simbólico para o desastre por ser o dia do meio ambiente, por muito tempo foi a maior enchente registrada até aquele momento no município, mas foi superada 25 anos depois pela enchente ocorrida em 14 de julho de 2015 ultrapassando cerca de um metro a cota de água da enchente anterior.

Dentre as maiores enchentes sofridas por saudades podemos destacar que a maioria foram na estação do inverno (tabela 2), ou no final de inverno começo de primavera, ou fim de outono e começo de inverno, ou seja as grandes cheias registradas tem uma relação com a estação mais fria do ano. Apesar das chuvas em média serem bem distribuídas o ano todo, ocorreu nos meses de julho a maior ocorrência e analisando os dados pluviométricos julho é o segundo mês com menos chuva em média (130,5 mm) só perdendo para o mês de agosto (128,2 mm).

Tabela 2-Ocorrência de enchentes por estação de ano

Mês de ocorrência	Estação do Ano
Julho de 1964	Inverno
27 de setembro de 1972	Primavera
07 de julho 1983	Inverno
05 de junho 1990	Outono
14 de julho de 2015	Inverno

Fonte: Dados coletados através do registro pertencentes ao arquivo fotográfico do Museu Municipal Vitorino A. Lenhardt. Montagem da tabela pelo autor.

Para compreender a ocorrência de chuva primeiro devemos entender a dinâmica atmosférica do Oeste, conforme explica Mauricio Amantino Monteiro e Magaly Mendonça, no *Atlas Catarinense de Desastres Naturais* organizado por Herrmann (2005):

No Oeste, entre os municípios que fazem fronteiras com o Rio Grande do Sul e Paraná, as altitudes aumentam de sul para norte, em função da dissecação do planalto basáltico pelos afluentes do rio Uruguai. Como os sistemas produtores de chuva deslocam-se, geralmente, de sudoeste para nordeste encontram reforço no relevo mais acentuado ao norte, próximo as Serras do Capanema, da Fortuna e do Chapecó (MONTEIRO, 2001). Nesse caso, o ar é forçado a ascender, resfria-se adiabaticamente formando mais nuvens que acentuam a quantidade de precipitação local (precipitações orográficas). São as chuvas formadas a barlavento das encostas e que se diferenciam em volume das regiões mais planas, embora influenciadas pelo mesmo sistema atmosférico (HERRMANN, 2005, p.5).

As chuvas orográficas contribuem para chuvas mais acentuadas na região da bacia do rio Saudades, no entanto, não explica por si só a ocorrência de enchentes em Saudades pois o Oeste catarinense está sujeita a muitos dos sistemas atmosféricos que atuam no Brasil, como massas tropicais do norte e frentes frias vindas do Sul, que podem mudar o clima rapidamente trazendo nuvens, chuvas e até temporais e desencadear desastres.

Para compreender a dinâmica que faz o inverno ser o mais propício a enchentes, explicasse, que o continente está mais frio do que na época do verão, e as massas de ar provenientes das grandes latitudes tornam-se mais intensas e passam a dominar as condições de tempo na Região Sul. “A frente fria é um dos sistemas atmosféricos mais importantes na distribuição da precipitação em Santa Catarina nesta época do ano” (MENDONÇA, 2005, p.8)¹⁴sua frequência é de 3 a 4 passagens, mesmo número que no verão, porém no inverno as frentes frias possuem atuação mais continental. Explica Monteiro e Mendonça que isso se deve a existência de maior contraste térmico entre as massas de ar frio que cruzam os Andes um pouco mais ao norte e as massas tropicais pré-frontais.

Conforme explicam Monteiro e Mendonça, o volume de chuva no inverno é mais baixa que o restante do ano, apesar de ter frente fria e outros sistemas produtores de chuva atuando, no entanto nos meses de julho e agosto os temporais são mais frequentes motivados principalmente quando vórtices ciclônicos (ventos nos níveis mais altos da atmosfera giram no sentido horário, fazendo com que o ar seco desses níveis mais altos desçam para a superfície) ou Jatos Subtropicais (Correntes de ar que atuam na superfície) atuam podendo gerar as fortes chuvas (HERRMANN, 2005).

O inverno por vezes foi mais suscetível a enchentes pelas condições climáticas, mas também influenciada pela pré-disposição física do ambiente para que a área inunde, com as transformações urbanas, com uma rede de drenagem que dificulta a infiltração, somadas a pouca área de mata ciliar que auxilia na diminuição da erosão e conseqüente assoreamento, a pouca cobertura vegetal na região resultado de intenso desmatamento para comercialização e para a agricultura.

As enchentes em Saudades conforme o relatório do CPRM - serviço geológico do Brasil, “Ação Emergencial para Delimitação de Áreas em Alto e Muito Alto Risco a Enchentes e Movimentos de Massa Município de Saudades/SC” (FILHO; NORONHA, 2016) estão condicionados principalmente pelas precipitações que ocorrem a jusante, nos municípios de

¹⁴ Trecho extraído do atlas. HERRMANN, M. L. de P. (Org.). **Atlas de Desastres Naturais do Estado de Santa Catarina**. Florianópolis: IOESC, 2005.

Bom Jesus do Oeste e Modelo, e por seu relevo, um padrão de morros e serras baixas que pode resultar na inundação da planície onde estabeleceu a cidade uma região de declividade com serras e morros baixos.

Nesse sentido, é importante notar que existem dois tipos de enchentes que classificadas pelos pesquisadores do CEPED¹⁵, as inundações graduais e as inundações bruscas. As inundações graduais são caracterizadas quando os sistemas atmosféricos que atuam sobre a região permanecem por vários dias, quanto as bruscas normalmente ocasionados por uma forte chuva que eleve rapidamente o nível da água, porém para isso outros fatores principalmente a declividade e intervenções humanas contribuem.

As enchente pesquisada de 5 de junho de 1990, foi considerada uma inundação gradual, a chuva afetou toda a região por vários dias, o rio atingiu aproximadamente a cota de 9 metros¹⁶. Conforme os dados da CEPED, na ocasião gerou 620 desabrigados, aproximadamente 6 % da população do município foi afetada, aumentando essa porcentagem se levar em conta somente a população urbana a que é predominantemente atingida.

Já a enchente de 14 julho de 2015 foi a mais severa, com o rio Saudades atingindo a altura de 9,75 metros em apenas 5 horas, gerando cerca de 800 a 1000 pessoas desalojadas, porém sem nenhuma morte e com nenhum desabrigado, alojados em casa de amigos e parentes conforme o jornal A Fonte¹⁷.

Saudades segundo dados IBGE/2010¹⁸ possui com uma população de 9.016 habitantes. No contexto urbano constata-se que grande maioria dos domicílios se encontra na margem e planície com risco a inundação do Rio Saudades e de seus afluentes, em locais sujeitos a ação de cheias e inundações conforme estudos.

Considerando que a enchente de 1990 foi muito grande por afetar um grande número de propriedades, vinte e cinco anos depois desta, a área inundada apresentava-se muito mais povoada que anteriormente, demonstrando que a recorrência de enchentes não inibe a população a escolher áreas próximas a rios, nem agiu para uma precaução do poder público, “porém deve-se levar em conta que a memórias sobre as enchentes desvanece quando ocorre

¹⁵ CEPED (Centro Universitário de estudos e pesquisas sobre desastres) criador do atlas sobre desastres - HERRMANN, M. L. de P. (Org.). **Atlas de Desastres Naturais do Estado de Santa Catarina**. Florianópolis: IOESC, 2005.

¹⁶ Não encontramos dados oficiais, porém segundo relatos encontrados nas fontes de jornais chegamos em uma cota aproximada que o rio atingiu na cidade de 9 metros de água.

¹⁷ Enchente em Saudades como tudo aconteceu **A Fonte**. Saudades. 17 de jul. 2015 p.4

¹⁸ Dados IBGE.Disponívelem> <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=4217303>< Acesso em: 20 jun.2016.

longos períodos de ausência de enchentes de grande porte” (ESPÍNDOLA; NODARI, 2015 p.92).

O relatório produzido pela CPRM¹⁹, em abril de 2016, mostra os locais de risco alto e muito alto para enchentes, no intuito informativo para possíveis intervenções do poder municipal, identificando e dividindo essas áreas em quatro setores: setor 1, Bairro morada do sol; setor 2, Bairro Beira Rio; setor 3, Bairro Centro e Setor 4, Bairro Industrial. Conforme o relatório:

foram descritos 4 setores de risco referentes à inundação do Rio Saudades e seus afluentes. No total, estima-se que os setores de risco englobam 241 edificações e cerca de 964 pessoas, o que corresponde a 10% da população do censo de 2010(CPRM - SERVIÇO GEOLÓGICO DO BRASIL, 2016, p.5).

Esses setores conforme imagem abaixo (fotografia 3) não são somente em áreas habitadas por populações de baixa renda, que costumeiramente habitam áreas de risco²⁰ por ser menos valorizadas em outros municípios que também ocorrem enchentes. As áreas representam uma parte do centro da cidade onde residem uma população de poder aquisitivo mais elevado e também comércios (setor 4), bem como, o Bairro Industrial atingindo indústrias locais e prédios públicos causando prejuízos a economia local e ao poder público.

Estas enchentes são uma ameaça constante para a população, gerando o medo. Os desastres constantemente vivenciados indicam a necessidade de serem pensados mais profundamente pelo poder público e por seus habitantes, que geram diversas interpretações e atribuições de culpa. Diante deste cenário e buscando compreender esses processos formativos e as relações conflituosas, a história e a sociologia nos ajudam a analisar a relação do homem com a natureza.

Também podemos ter leituras sobre o desastre com o uso do documento fotográfico o que pode auxiliar em observações e evidências sobre a dinâmica social e ambiental da formação das enchentes em desastres socioambientais.

¹⁹ Conforme Relatório do Ministério de Minas e Energia. FILHO, J. L. K; NORONHA, F.L. CPRM - serviço geológico do brasil. Ação Emergencial para Delimitação de Áreas em Alto e Muito Alto Risco a Enchentes e Movimentos de Massa Município de Saudades/SC. Abril de 2016. Relatório.

²⁰ Entende-se por área de risco, que são áreas consideradas impróprias para o estabelecimento humano em função do risco à vida humana por vulnerabilidade natural ou antrópica.

Fotografia 3: Setores de Risco e Alto Risco de enchentes



Fonte: FILHO, J. L. K; NORONHA, F.L. CPRM - serviço geológico do brasil. Ação Emergencial para Delimitação de Áreas em Alto e Muito Alto Risco a Enchentes e Movimentos de Massa Município de Saudades/SC. Abril de 2016. Relatório.

Nota: SR1-setor 1, Bairro morada do sol; SR2-setor 2, Bairro Beira Rio; SR3-setor 3, Bairro Centro; SR-4 Setor 4, Bairro Industrial.

3.4 IMAGEM DO DESASTRE: AS ENCHENTE MAIS MARCANTES

As fotografias que se encontram no Museu Municipal de Saudades, em três fichários relacionados a catástrofes que o município sofreu, sugerem possíveis interpretações acerca das enchentes e dos desastres. A primeira delas que as enchentes são episódios importantes no município merecendo um arquivamento especial das fotos relacionadas a catástrofes, onde as enchentes são a principal delas.

As fotografias analisadas são uma série de imagens que nos coloca em contato com um momento específico e a época que ocorreram os desastres. As mesmas foram inqueridas para que possam trazer a memória imagética e traduzir um pouco do processo de construção social das enchentes vistas como desastres socioambientais.

Para Burke (2004, p.26) devemos saber até que ponto podemos confiar nas fotografias, se elas são representação real do ocorrido, pois elas também podem ser manipuladas, por isso a importância de inquerir e contextualizar as fotografias. Por vezes uma tarefa difícil, como no caso desta pesquisa, as fotografias aqui utilizadas foram doadas ao Museu municipal de Saudades, e retiradas de seus álbuns originais, ficando sem autoria, no entanto, utilizaremos no

contexto da intenção que foram produzidas para representar um grande acontecimento que foram as enchentes do município.

Para trabalhar com fotografias os historiadores raramente se restringem a uma única imagem, pois só por meio da recorrência podemos aferir os padrões visuais da sociedade, por isso “ o historiador não pode prescindir de métodos de análise que partam das especificidades da imagem, mas que devem alcançar sempre uma perspectiva plural, quer dizer, relacionando com outras” (LIMA E CARVALHO, 2012, p.45). Além disso a problemática histórica deve guiar a abordagem das fontes, desenvolvendo o método da mesma forma do que outros documentos.

Situado nas questões do uso das fotografias e imagens como fonte, seguimos com a questão das enchentes com objetivo de constatar o processo de construção das enchentes em desastres. Assim sendo, atualmente não é incomum fortes chuvas causarem inundações em Saudades, mesmo por que se observa na cidade (fotografia 4), que em muitos pontos construções avançaram até bem próximo as margens do Rio, que são separadas por uma estreita faixa de mata ciliar.

No entanto, tanto as fortes chuvas que é um fenômeno natural que já ocorriam antes do estabelecimento dos colonos em Saudades, quanto o rio ultrapassar suas margens já ocorreriam, o fator novo sem dúvida é o homem, a urbanização, as construções próximas ao rio, a impermeabilização do solo que intensificam a ocorrência e a magnitude das enchentes vistas como desastre.

Fotografia 4- Vista de Saudades por Satélite



Fonte: Google maps. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps>. Acesso em: 28 mar. 2017.
Nota: 1 Rio Taipás, 2 Rio Saudades, 3 Bairro Centro, 4 Bairro Boa vista, 5 Bairro Beira Rio.

Segundo Espíndola e Nodari (2015, p.75) enchentes de maiores ou menores proporções são processos naturais. Porém, os fatores não naturais que somam para a ocorrência dos desastres são causados por ação antrópica, como a expansão urbana descontrolada e dissociada do meio natural.

As ações humanas potencializam o risco de desastres:

A dinâmica de intervenção humana nos rios, com instalação da cidade das várzeas, contribui para a formação de superfícies compactas, as quais aumentam o volume de água superficial e reduzem a capacidade de infiltração, modificando o padrão de ação dos agentes naturais quando da formação de situações de emergência. O descumprimento de legislações voltadas a edificações e infraestruturas físicas sem conservação e manutenção é outro fator a ser apontado na constituição dos panoramas de desastre (ESPÍNDOLA; NODARI, 2015, P.75).

A intervenção antrópica no rio Saudades teve seu início desde a colonização, haja vista que o local do estabelecimento do núcleo urbano de Saudades foi planejado pela Companhia Colonizadora Sul Brasil.

Ao observar a cidade de Saudades e saber que o núcleo urbano foi planejado pela Colonizadora, pode imaginar que não foi um local ideal para uma cidade desenvolver-se, pois a proximidade com o rio, e o entorno rodeado por morros e serras baixas faria o desenvolvimento e o avanço imobiliário partir para os morros e as encostas dos rios.

No entanto a abundância de água para suprir as necessidades básicas dos humanos e dos animais, e as planícies baixas onde formou-se a cidade, constituíam um local ideal na época para formação de um núcleo. Dificilmente levariam em conta algum fator de desvantagem ambiental futura nessa escolha, apesar de notadamente conforme a imagem abaixo (fotografia 5) respeitarem certa distância das margens.

No passado a registro que a água já saiu de seu leito por diversas vezes, inundando margens e áreas com cotas mais baixas. O primeiro registro de enchentes em Saudades data de 1940 (Fotografia 6), neste período onde os colonos ainda estavam se estabelecendo nestas terras, e a companhia colonizadora se esforçava para vender os lotes, certamente a enchente não seria uma das coisas ditas na propaganda para compra das terras em Saudades.

Fotografia 5- Saudades década 1940



Fonte: Arquivo do Museu Municipal Vitorino A. Lenhardt

Fotografia 6- Enchente de 1940



Fonte: Museu Municipal Victorino A. Lenhardt

Em julho de 1964 outra enchente de grande porte aconteceria em Saudades (Fotografia 7) a qual tomou as margens do rio. A imagem demonstra que uma das dinâmicas que ocorre é o barramento do Rio Taipas, pelo Rio Saudades, o que faz que a primeira parte a sofrer com a saída do Rio de seu leito é o atual Bairro Beira Rio (fundo da imagem lado direito), que atualmente como no passado é o primeiro lugar a sofrer as consequências de fortes chuvas.

Fotografia 7- Enchente de 1964



Fonte: Museu Municipal Victorino A. Lenhardt

Em 27 de outubro de 1972, ocorreu outra enchente no município (Fotografia 8 e fotografia 9), esta enchente foi marcante, ela foi responsável por avariar a ponte baixa que era construída de madeira e algumas construções. As fotos abaixo dizem respeito a vista da cidade de um ponto alto, e também as águas no atual bairro Beira Rio, as imagens demonstram que a cidade cresceu pouco, permanecendo pouco habitada.

Fotografia 8- Vista de cidade na enchente de 1972



Fonte: Museu Municipal Victorino A. Lenhardt

Fotografia 9: Enchente 1972 no atual Bairro Beira Rio



Fonte: Museu Municipal Victorino A. Lenhardt

Estas enchentes (1940 até 1972) geraram alguns prejuízos em plantações e atingir algumas construções, mas o maior prejuízo que consta nos registros fotográficos foi a ponte na cheia de 1972. O que indica que os prejuízos nas áreas rurais são mais aceitáveis do que quando ocorre nas áreas urbanas, pois afetam diretamente as pessoas suas moradias até mesmo com risco para a vida das pessoas.

Analisando este contexto com a importância dada para as enchentes ocorridas de 1940 a 1980, os registros que se manteve e as áreas atingidas, sugere que as enchentes não seria dada uma alcunha de Desastre, pois de fato a área de risco era pouco habitada, os danos de fácil reconstrução, o solo menos compactado e pouco impermeabilizado pela urbanização, permitindo uma fluidez e infiltração da água.

No ano de 1983 ocorreram fortes e contínuas chuvas no mês de julho em todo o estado de Santa Catarina resultando em várias enchentes, as mais lembradas são as do vale do Rio Itajaí-Açu, principalmente em Blumenau pela magnitude de seus estragos, com destruição material e de vidas humanas (PAULA, 2015).

Em Saudades as chuvas que caíram em julho de 1983 também fizeram transbordar as águas (Fotografia 10), neste momento o desenvolvimento urbano estava em crescimento e a enchente e as chuvas causaram vários estragos, constatados nas fotografias nos álbuns sobre desastre em Saudades, com uma quantidade maior de imagens e com fotos colorizadas.

Alguns dos estragos constatados nos álbuns do Museu Municipal Victorino A. Lenhardt de Saudades é a inundação de água e lama de várias casas, comércios, e prédios públicos,

destruição de diversas estradas no interior e na cidade levando em conta que eram a maioria estradas de terra, tubulações e pontes destruídas principalmente as de madeira, plantações.

Fotografia 10- Enchente de 1983



Fonte: Museu Municipal Victorino A. Lenhardt

De acordo com a planilha de Volume de Chuva de Saudades (estação pluviométrica Saudades COD. 2653007)²¹ indicam que no mês de julho de 1983 choveu 567mm, sendo que a média histórica anual no município corresponde a 1.764mm, ou seja, choveu em um mês quase um terço do esperado para o ano.

Após 1983 mais duas grandes enchentes seriam desastrosas para o município, estas duas são o foco principal de análise da presente pesquisa. A enchente de 05 de junho de 1990 (Fotografia 11) dia do meio ambiente, ironia do destino, mas essa enchente foi o maior desastre até então registrado, causando enormes estragos e prejuízos no município.

²¹ Dados conseguidos através da Defesa Civil Municipal de Saudades.

Fotografia 11: Enchente de 1990



Fonte: Museu Municipal Victorino A. Lenhardt

Essa enchente em especial foi filmada e compilada, assim alguns munícipes possuem este registro. Como não identificamos a autoria, fazemos apenas menção destas filmagens que demonstram o desespero das pessoas com a água que não para de subir buscando salvar seus pertences em meio a água, contrastando com as brincadeiras das crianças sem entender a gravidade dos ocorridos. Outro ponto que visualiza é a solidariedade das pessoas com os afetados, bem como, as diversas mudanças realizadas por caminhões, em um cenário de um rio que invade e leva tudo em seu caminho²².

A enchente inundou e arrancou várias casas, como a do senhor Jáco Schnnur que foi levada pelas águas, ficando sob a ponte do rio Taipas (fotografia 12), estas casas, que nesta época era a maioria construídas de madeira e naturalmente mais vulneráveis, que as de alvenaria.

A fotografia 11 e 12 demonstra que a cidade na década de 1990 possuía uma área urbana menos habitada. Na fotografia 12 nos fundos da imagem vemos poucas casas, lavoura e mata, enquanto atualmente se encontra muito habitada localizando os bairros Morada do Sol 1, Morada do Sol 2, Morada do Sol 3 e Belvedere. Enquanto o Bairro Morada do Sol 1 foi um dos grandes atingidos na enchente de 2015, demonstrando que apesar de haver ocorrências de enchentes

²² O DVD que encontra a filmagem da enchente de 05 de junho de 1990 foi uma compilação de filmagens amadoras, que durante esta pesquisa não foi identificada a autoria. O audiovisual foi conseguido através do Arquivo particular Rogério Lemes dos Santos. Enchente de 1990. 1”55”.

anteriores, isso não foi levado em conta para a construção de loteamentos de novos bairros, avançando a cidade em áreas de risco.

Fotografia 12: Casa levada pelas águas (1990)



Fonte: Museu Municipal Victorino A. Lenhardt

Em 14 de julho de 2015 veio uma enchente que superou a cota de água da enchente de 1990, alcançando o rio na estação de medição 9,75²³ metros, em um rio que tem uma cota média de água que não ultrapassa um metro.

A partir da imagem abaixo (fotografia 13) podemos ter a dimensão da enchente e da imensa área que afetou, causando prejuízos enormes, que segundo a prefeitura municipal foram 300 casas atingidas e 23 destruídas, 90 estabelecimentos industriais e aproximadamente 900 km de estradas danificadas totalizando aproximadamente 30% da cidade atingida²⁴.

Como vimos o desastre é uma construção que percorre um longo processo até a constituição e percepção como desastre. E existem muitos fatores que podemos analisar para saber qual é a natureza que foi afetada, quais grupos humanos habitam, como os humanos transformaram este ambiente e como este ambiente natural pode afeta-los, para isso deve-se utilizar uma das premissas da História Ambiental a interdisciplinaridade.

²³ Medição realizada posterior a enchentes pelas marcas deixadas pelas águas, pois até então não havia régua para essa altura.

²⁴ Conforme dados que consta no Decreto de Calamidade Pública N35 de 2015

Fotografia 13: Vista aérea da enchente de 2015



Fonte: Iedo Zortea. Assessor de Imprensa da prefeitura Municipal de Saudades

Estes dois últimos desastres de 1990 e 2015, foram os mais marcantes, com maior número de afetados e significativos prejuízos, que foi crescendo pela urbanização da cidade próximo ao rio, tornando as cheias que sempre ocorreram conforme as fotografias em Desastres socioambientais. Para compreender de uma forma mais profunda estas duas enchentes que se tornaram grandes desastres no município propomos analisar no próximo capítulo fontes de imprensa.

4. IMPRENSA, ENCHENTES E AÇÕES EMERGENCIAIS

Neste capítulo propomos analisar as fontes de imprensa, de modo que compreendemos a narrativa dos desastres estudados, ou seja, a enchente de 05 de junho de 1990 e a enchente ocorrida em 14 de julho de 2015, e dos estragos e impactos ocasionados por elas. Sobre a ocorrência dos desastres as medidas emergências pós desastre, nesse sentido, ainda nos valem do auxílio de documentos oficiais e relatórios governamentais.

Pretendemos compreender a posição dos governos frente a enchente, bem como suas ações imediatas, mas também a construção da enchente vista como desastre e sua narrativa, afetando a população locais gerando danos e perdas materiais, econômicas e ambientais.

4.1 IMPRENSA COMO FONTE PARA O ESTUDO DE DESASTRES

Para a realização deste trabalho buscamos a fonte nos periódicos, que são naturalmente espaços de notícias sobre desastres, contendo dados dos danos, posições governamentais, causas, promessas e medidas de resposta ao desastre. Mas o uso de jornal no estudo de desastres deve-se levar em conta sua problematização como fonte, com seus interesses e influências, como no caso específico desta pesquisa que escolheu jornais regionais e local para serem analisados.

No trabalho analisaremos o periódico regional Diário da Manhã de Chapecó para a enchente de 1990, pela ausência de jornais locais na época. O jornal que na época dos acontecidos tinha 11 anos de existência, com circulação diária durante a semana excetuando o domingo, pertencente a uma rede de jornais que manteve seu monopólio como único jornal diário de Chapecó até 1991, seu diretor era Darcy Schultz²⁵.

Para trabalhar a enchente de 2015 utilizamos o jornal A Fonte²⁶ que é um jornal semanal local, recente com apenas 8 anos que possui sede no município de Saudades, e circula em Saudades em mais oito municípios vizinhos com uma tiragem de 1750 exemplares, com uma empresa jornalística que atende interesses locais, com a maior parte do conteúdo patrocinado.

²⁵ HERMES, Dirceu, TASKA, Veruska, BONETI, Suziane. Imprensa Cor de Rosa: A inserção da mulher nos jornais impressos de chapecó – Diário da Manhã, Diário do Iguazu, Jornal Sul Brasil. Disponível em: <encipecom.metodista.br/mediawiki/.../b/.../GT5-_06-_Imprensa_cor-de-rosa-varios.pdf> Acesso em: 25 de mai. 2017

²⁶ Sobre o Jornal A Fonte. Disponível em: < institucional.adjorisc.com.br/jornais/416/a-fonte > Acesso em 25 de mai. 2017

Noticiou a Enchente de julho de 2015 no município, dedicando boa parte de duas edições para o desastre, tendo seu proprietário José Carlos Wollmann como chefe de redação.

Ainda para tratar da enchente de 2015, foram selecionados dois periódicos do mesmo grupo de mídia o grupo Voz do Oeste, o jornal Gazeta da Manhã e o jornal Voz do Oeste ambos de circulação diária excetuando fim de semana abrangendo um público de Chapecó e região. O grupo Voz do Oeste possui como presidente do grupo Adriano Batista Oro.

Nesta pesquisa buscamos apenas um tema específico: as enchentes na região e em Saudades e seus desdobramentos. Assim sendo os jornais escolhidos são fontes a serem inquerida que são vestígios do passado. Quanto ao conteúdo destes jornais, devemos ponderar que nem sempre a exatidão e a independência dominam o conteúdo editorial (RODRIGUES 1968 apud LUCA 2011, p.115).

Sempre será difícil sabermos que influências ocultas se exerciam num momento dado sobre um órgão de informação, qual o papel desempenhado, por exemplo, pela distribuição da publicidade, qual a pressão exercida pelo governo (GLÉNISSON apud LUCA, 2013, p.116)

Apesar das dificuldades de conseguir relacionar interesses governamentais ou ligações mais diretas nas notícias sobre as enchentes nos jornais, é neles que encontramos representações e informações que mereceram ser publicitadas, e assim para o historiador utiliza-la pode tornar uma importante fonte, mas desde que problematizada como um objeto de pesquisa, buscando identificar estes possíveis interesses do jornal, identificando o enfoque, o destaque que se deu a notícia, seu público e a relação com a notícia (LUCA, 2011).

Nos jornais focamos as notícias, dados e posições governamentais sobre as chuvas e enchentes relacionando com Saudades. Uma série representativa foi possível formar, para incorrer nela leituras e problematizações, apesar do que encontramos nas fontes jornalísticas são períodos curtos de notícias, que por ventura podem começar dias antes do desastre e se estender por um período não muito longo após, por que nos períodos de normalidade busca esquecer a enchente, apesar de muitas vezes a enchente ser utilizada como pretexto político do que fez ou deixou de fazer por causa da enchente.

A memória do desastre tem curta duração, assim que as águas retornam a seus níveis e as pessoas se recuperam a mídia perde o interesse (ESPINDOLA; NODARI, 2015, p.83). Assim como passado um tempo a população volta muitas vezes a construir e investir nestas áreas que já foram alguma vez afetada.

Em um modo geral as narrativas de desastres no Brasil conforme Klanovicz (2008), encontra sempre um teor de vitimização da população frente a natureza, pois segundo ele a construção cultural do Brasil colocou uma identidade de país tropical sem desastres, e os mesmos quando ocorrem são apresentadas de forma tristes e catastróficas.

4.2 AS ENCHENTES DE 1990 E 2015 NOS PERIÓDICOS

As fortes chuvas podem desencadear episódios que surpreendem as pessoas, e por somatório de fatos provocar enchentes que podem gerar muitas perdas humanas, econômicas, materiais e ambientais. Fatos como esses sempre são pautas de notícias, buscando explicações, soluções e culpados pois comovem pela empatia com os atingidos, e Saudades costuma figurar por vezes nestas páginas.

No dia 05 de junho de 1990 foi registrado uma das maiores enchentes no município de Saudades, com o rio saudades atingindo uma cota de água surpreendente causando muita destruição. Como mencionado anteriormente o rio começa a atingir a população quando atinge uma cota de água de 6 metros, inicialmente no bairro Beira Rio, pois o rio saudades barra a entrada de seu afluente, o rio Taipas.

Essa enchente foi descrita como a maior enchente da história de Saudades, conforme o jornal Diário da Manhã que circulava quase que diariamente na região de Chapecó:

A cidade de Saudades é dividida pelo rio Saudades que passa no meio da cidade. E tem sua nascente no município de Modelo sendo que possui inúmeros afluentes. Com a enchente de 05 de junho o nível do rio Saudades, na cidade esteve 10 metros acima do nível normal. Foram destruídas e até levadas pela água 25 casas residenciais comerciais e industriais [...] na cidade foram atingidas 120 casas comerciais, residenciais e comerciais[...] no interior 5 pontes, inúmeros pontilhões bueiros as estradas ficaram em precário estado de conservação²⁷.

Os estragos e o número de atingidos e de destruição foram significativos, motivo ao qual foi decretado no mesmo dia do ocorrido pelo prefeito Arno Afonso Schwendler, “Situação de Emergência” no município, no decreto 681/90. No dia seguinte dia 06 de julho é editado um novo decreto pelo prefeito, ao qual o decreto 682/90 com redação semelhante, porém decretando “Situação de Calamidade Pública” o que significa que os estragos eram bem maiores para decretar essa situação.

²⁷ Saudades sofreu a maior enchente de sua história. Diário da Manhã. 09 e 10 de junho de 1990

Podemos ter uma ideia da diferença conforme a Instrução Normativa 01, de 24 de agosto de 2012²⁸, do Ministério da Integração Nacional, ao qual descreve que ambas Situações de Emergência e Calamidade Pública são o reconhecimento legal de uma situação anormal decretada em razão de desastre. Enquanto a Situação de Emergência não excede a capacidade do município de recuperação necessitando apenas auxílio complementar do Estado ou da União, a Situação de Calamidade Pública requer auxílios imediatos do Estado ou da União para socorro e recuperação, representando inclusive perigo elevado a vida de seus habitantes.

Conforme o Diário da Manhã a enchente e os estragos não foram exclusividade de Saudades, pois no final do mês de maio o Oeste catarinense sofre com as fortes chuvas na região preocupando prefeitos.

As fortes precipitações desde a madrugada de domingo (27 de maio), estão aumentando sensivelmente o nível dos rios, por outro lado as enxurradas diárias é que tem provocado os maiores prejuízos, causando alagamentos, destruindo pontilhões, quedas de barreiras, e deixando antever possíveis enchentes [...] Prefeitos estão preocupados com as enxurradas, a se considerar que o período de grandes precipitações ocorre no mês de setembro²⁹.

Os níveis de água nos rios Chapecó e Uruguai constantemente aumentando, gerando muitos prejuízos em vários municípios do Oeste catarinense, no interior e nas cidades principalmente as cortadas por rios. São citados problemas e alagamentos em Chapecó, Águas de Chapecó, Itapiranga, Modelo, Maravilha, São Carlos no Balneário de Pratas entre outros.

As incessantes chuvas que já na sexta-feira dia primeiro de junho de 1990 haviam feito o rio Saudades transbordar³⁰, deixaram o solo saturado e combinado com os rios com altos níveis de água, constituíram uma combinação perfeita para que no dia 5 de junho Saudades sofresse com uma grande enchente. Neste dia, uma terça feira, era o décimo dia de chuvas incessantes, a chuva que permaneceu quase o dia todo fez transbordar o rio Saudades e vários rios da região.

Na quarta-feira 06 de junho de 1990, foi o primeiro dia sem chuva e início o da recuperação, e também da visualização total dos prejuízos, bem como da solidariedade com os afetados e desabrigados. Segundo Jornal Diário da Manhã “dos 46 municípios da área de

²⁸ Apesar de 1990 ser um período anterior a referida Instrução Normativa ela dá uma ideia da diferença entre Situações de Emergência e de Calamidade . Ministério da Integração Nacional. Instrução Normativa 01 de 24 de agosto de 2012. Disponível em: >http://www.mi.gov.br/c/document_library/get_file?uuid=f8d7817c-fc50-4b0a-b643-b686ef26cd32&groupId=185960 < Acesso em: 13 out. 2016

²⁹ Saudades sofreu a maior enchente de sua história. Diário da Manhã. Ano XI, N 165, 1990 p.10

³⁰ Situação de enchente em todo o Oeste. Diário da Manhã. Ano XI, N 160, 1990 p.3-4

abrangência da secretaria de Negócios do Oeste, 31 já decretaram situação de emergência e alguns de Calamidade Pública”, o que mostrava a gravidade da situação em toda a região.

A enchente de 1990, em Saudades foi por muito tempo considerada como o maior desastre já sofrido no município, no entanto novamente outro episódio de igual ou maior magnitude recentemente abalou o município e colocou as enchentes novamente em evidência.

Saudades registrou outra grande enchente em 2015, o desastre do dia 14 de julho de 2015, no qual segundo Jornal local começou a ser anunciado na noite anterior:

Já na segunda-feira (13), início de semana, o clima com temperaturas elevadas demonstrava que algo de errado estava acontecendo (o pior, estava por vir). Alertas da Defesa Civil, aliados aos boletins da meteorologia corroboravam para isso: chuvas, alta incidência de raios, possibilidade de granizo, tornados etc (A FONTE, 2015, p.7).

Como pode ser observado acima o jornal local utilizando o termo “o pior estava por vir” corrobora por uma visão vitimista frente ao desastre, apresentada por Klanovicz (2008), depositando a culpa a inconstância do clima “algo de errado estava acontecendo”, como se a inconstância da natureza fosse algo anormal.

Seguindo a narrativa, madrugada do dia 14 foi muito chuvosa e por volta das sete horas da manhã o rio Taipas afluente do rio Saudades começou a sair de seu leito, e as águas não pararam de subir e subiram até seu pico máximo ao meio dia, com a água chegando a pontos que nenhuma enchente anterior havia chegado³¹.

As inundações na área urbana ocorrem a partir da elevação das águas do rio Saudades na ordem de 6 m, causando transtornos em alguns pontos da cidade. A inundação de 14 julho de 2015 foi a mais severa, com o rio Saudades atingindo a altura de 9,75 metros acima do nível normal em apenas 5 horas.

O mesmo relatório da CPRM aponta que esta rápida elevação apresentou características de enxurrada³², devido à alta velocidade da correnteza, ou conforme a conceituação da CEPED uma inundação brusca, ocorrida por grandes níveis de chuva incessantes, em pouco tempo, enquanto a ocorrida em 1990 considerada uma inundação gradual.

No mesmo dia do desastre o prefeito municipal editou o Decreto N.35 de 2015, declarando Estado de Calamidade Pública nas áreas afetadas pela inundação e estabeleceu providências. Conforme o decreto afirma que choveu mais de 400mm em poucas horas, onde a média para o mês é de 130mm, com início às 3:30 da manhã, fazendo transbordar o rio Saudades

³¹ Enchente em Saudades como tudo aconteceu. **A Fonte**. Saudades. 17 de jul. 2015 p.4

³² Enxurrada são inundações bruscas, com grande quantidade de água que correm com violência, resultante de chuvas abundantes

e seus dois afluentes no perímetro urbano o rio Bonito e o rio Taipas, invadindo praticamente 30% da cidade.

O mesmo documento³³ afirma que os prejuízos são incalculáveis, afetando vários prédios públicos como: Escolas, Centros de educação infantil, corpo de bombeiros, secretarias municipais, alguns comércios e indústrias e mais de 300 domicílios, no qual estima-se que o prejuízo ultrapasse muito os 50.000.000,00 (cinquenta milhões de reais) em números não oficiais. É comum nestes casos “errar” o número para cima, para comover as outras esferas do poder público afim de angariar recursos pretendidos.

As fortes chuvas não foram exclusividade de Saudades, vários municípios vizinhos relataram problemas com vendavais, granizo, chuvas intensas e inundações. De acordo com o Jornal Gazeta da Manhã³⁴ informa que segundo levantamentos da Defesa Civil do estado no dia 16 de junho de 2015, cerca de 50 municípios foram afetados, sendo que 15 sinalizaram decretar situação de emergência, e 3 Calamidade Pública: Saudades, Coronel Freitas e Maravilha.

O Governador de Santa Catarina Raimundo Colombo em reportagem ao Jornal Gazeta da Manhã, afirmava que a situação no Oeste havia sido relatada ao Governo Federal, segundo ele há uma semana havia sinais que a chuva seria significativa em todo o estado, e foram divulgados boletins de alerta da Defesa Civil. Compreendendo a situação o governador afirma que “ a média histórica para todo mês de julho é de 150 milímetros para o Oeste, em apenas 6 horas choveu esse volume. Não há sistema de drenagem que absorva esse volume de água como ocorreu”³⁵.

O jornal Voz do Oeste³⁶, apresenta a população atingida pelos desastres nos municípios do Oeste, sendo que 13,5 mil pessoas afetadas, cerca de 1,421 desalojados e 62 desabrigados, 1251 casas danificadas ou destruídas, 85 empresas, 41 instalações públicas, 582 estruturas pública. Esses números são principalmente de Coronel Freitas que teve 70% da área urbana atingida e Saudades 30%, com registro de 8 feridos, e duas mortes.

Na matéria de capa do jornal semanal local A Fonte (figura 2), estava estampado “Saudades pede socorro: Município sofre a maior enchente de sua história e contabiliza enormes prejuízos”, com uma grande imagem da área alagada, este jornal faz uma cobertura

³³ Decreto de Calamidade pública N.35/2015.

³⁴ Sobe para 50 o número de cidades atingidas. **Gazeta da Manhã**. Chapecó. 17 de jul.2015 p.3

³⁵ Pelo Estado: Alerta máxima em todas as regiões. **Gazeta da Manhã**. Chapeco 15 de jul.2015 p.2

³⁶ Da redação: Chuvas II. A Voz do Oeste.Chapecó. 20 de jul. 2015

especial sobre as enchentes destinando oito páginas para o ocorrido. Jornal este que foi utilizado pelos órgãos municipais em anexos aos recursos pretendidos.

Figura 2: Capa do jornal A Fonte de Saudades



Fonte: Arquivo Jornal A Fonte.

De fato, o jornal é de circulação semanal e seu conteúdo é quase todo oriundo de patrocinadores, sendo grande parte patrocinada pelo poder público municipal de Saudades e municípios vizinhos. Sua edição especial respondeu os anseios do seu público local e do poder público em ver sua tragédia e promover o ocorrido para fins de angariar recurso.

O fato que mais repercutiu nos meios de comunicação regional e ganhou espaço na imprensa nacional, foi o resgate de uma família ilhada que teve a casa levada pelas águas e salvaram-se permanecendo por horas em cima do topo de árvores, socorridas pelo helicóptero do SAERFron³⁷ (serviço Aeroespacial de fronteira), demonstrando a força das chuvas, e da água que pegaram de surpresa a família não tendo para onde escapar.

O saldo final de estragos e destruição no município de Saudades de acordo com Informativo da administração Municipal de Saudades³⁸ (Edição 04- Ano 2016 p.7) com o

³⁷ SAERFron recebe reconhecimento do governador Colombo. **Voz do Oeste**. Chapecó.2015. p.8

³⁸ Jornal Informativo da administração Municipal de Saudades- Edição 04- Ano 2016^a

balanço das principais ações realizadas (2013 a 2016) referindo a recuperação do município pós enchente, estimou-se um prejuízo em patrimônio de 27 milhões de reais, e uma perda em movimento econômico em torno de 20 milhões de reais.

Foram, segundo a Prefeitura Municipal em seu informativo³⁹, 300 casas atingidas, 90 estabelecimentos industriais e aproximadamente 900 km de estradas danificadas. Conforme o mesmo informativo a respeito de estabelecimentos e estruturas públicas atingidos destaca: a Secretaria de Agricultura; DMER; Campo Módulo; Cidasc; Viveiro (fechado)⁴⁰; Epagri; CTG; Acisc; Hidrocamping (fechado); CEI Trenzinho Alegre; Rodoviaria; EMEF; Samae; Ginásio do Módulo esportivo; Laboratório Samae; Energia do Modulo esportivo, Sede Corpo de Bombeiros e a Celesc. E destruídos 11 pontes, 6 pontes pênséis, 23 casas, mais de 129 bueiros.

O prefeito Daniel Kothe afirmou ao jornal A Fonte, onde disse “nós devemos ter de 800 a 1000 pessoas que estão desalojadas, fora de suas casas. Mas nós não temos nenhum desabrigado. Todos estão alojados na casa de parentes ou amigos”⁴¹. O trabalho voluntário desenvolvido em Saudades surtiu rápidos efeitos, pois passados uma semana vários serviços, e locais estavam reestabelecidos.

Entre os dois episódios de desastre ocorrem várias diferenças e semelhanças, primeiro temporal por uma diferença de tempo de 25 anos, hoje a área em questão mudou em termos de construções com materiais mais resistentes, crescimento urbano e estrutura que dificultam a infiltração do solo e sua rede de drenagem urbana mais exigida, pontos de assoreamento, uma faixa pequena de mata ciliar. Se a enchente de 1990 foi considerado uma inundação gradual devido as chuvas que duraram dias, a de 2015 foi uma enxurrada que em apenas 5 horas fez ir de uma cota média de um metro para aproximadamente 9,75 metros, com uma velocidade maior que a anterior, o que ocasionou o que a imprensa chamou de maior enchente da história, sendo que a primeira também recebeu essa alcunha.

Observa-se também que a situação de desastre afeta não apenas um município mais uma região inteira, o que em 1990 tornava-se mais difícil em municípios pequenos ficar em evidência, coma informações e detalhamento da enchente, ao contrário de hoje pela rápida circulação da informação. Além disso, nesse mesmo viés da circulação rápida de informação os sistemas de alerta podem auxiliar a população em áreas de risco.

Balanço das principais ações realizadas (2013 a 2016) p.7

³⁹ Jornal Informativo da administração Municipal de Saudades- Edição 04- Ano 2016^a

Balanço das principais ações realizadas (2013 a 2016) p.7

⁴⁰ Foram fechados o viveiro municipal e o hidrocamping, ambos propriedades públicas que não foram consideradas prioritárias sua recuperação e optando pelo seu fechamento.

⁴¹ Saudades o Vale da Hospitalidade e da Solidariedade. A fonte. Saudades 17 de jul. 2015 p.6

Quanto as narrativas sobre o desastre encontramos além de notícias e pautas dos números do desastre, uma parte mais quantitativa e descritiva de desastres vistas nas linhas acima. Mas também uma narrativa mais triste frente a inconstância do clima, que busca uma comoção do público leitor, como no caso do Editorial do jornal A Voz do Oeste do dia 15 de julho: “Sirenes gritos de desespero e barulho da chuva, marcaram o início da manhã em Chapecó e região”, e complementando “a chuva voltou a ser um tormento”⁴².

4.3 AÇÕES EMERGENCIAIS PÓS ENCHENTES

A ocorrência de um desastre atinge por definição coletividades, ou seja, uma comunidade ou sociedade com grandes danos e perdas, que excede a capacidade de lidar com a situação com meios próprios. Nesse sentido, Sedrez (2013 p.186) revela que as ações remediadoras também são geralmente coletivas, que podem partir de iniciativas privadas (orações, solidariedade, doações), no entanto, especialmente na era moderna espera-se que o Estado lidere a resposta ao desastre.

O Estado destaca-se como mediador das relações entre sociedade e natureza no momento crítico do desastre, e também mediador das disputas e das tensões entre setores da sociedade que buscam nas políticas públicas contra desastres a resolução de tensões sociais (SEDREZ, p.186)

Estas medidas devem partir do poder público municipal, e em caso de situação de emergência socorridos pelo Estado ou até pela União. Porém quando ocorrem desastres, “sob os quais a população despossuída torna-se ainda mais despossuída torna-se mais fragilizada, as políticas públicas geralmente se limitam a repetir promessas grandiloquentes dirigidas mais a mídia do que a população” (ESPINDOLA, NODARI, LOPES, 2015, P.14).

A imprensa nos jornais analisados não fez considerações as falas e promessas dos agentes políticos. A narrativa de desastre limita a buscar informações e dados dos ocorridos, bem como, as promessas dos governos e com dados e recursos destinados. Também, como afirmado anteriormente a narrativa catastrófica e vitimista do desastre, responsabilizando apenas a inconstância da natureza pelo ocorrido.

O desastre requer uma resposta, e as sociedades em geral reclamam de seus líderes, e esperam uma explicação para o passado e uma promessa para o futuro, em uma ação rápida e reconfortante. E as ações conforme Sedrez (2013, p.198) sejam elas doações, orações, “abrigos

⁴² EDITORIAL. *Voz do Oeste*. Chapecó. 15 de jul. 2015. p.2

ou obras públicas são tão importante pelo que de fato fazem como pela forma que são percebidas pela população”, pois assim o importante é a percepção que algo sendo feito.

Na enchente de 1990 após a ocorrência de vários dias de chuvas e enchentes, que causaram estragos em vários municípios, o governo do estado, representado pelo governador de Santa Catarina Cacildo Maldaner que prometeu liberar 30 milhões de cruzeiros⁴³ imediatamente a Secretaria dos Negócios do Oeste, que seria distribuída mediante a apresentação de um criterioso relatório de perdas e danos.

Esse recurso certamente insuficiente para socorrer a todos municípios atingidos, pois seria destinado um milhão no máximo por município atingido, porém conforme outra notícia o município de Chapecó estimava ao menos 20 milhões de cruzeiros para recuperar todos os prejuízos⁴⁴. Saudades não encontramos este levantamento de prejuízos, mas como se visualiza em fotografias encontradas no Museu municipal, e no decreto de Calamidade Pública o desastre foi grande e afetou todas as regiões do município.

No decreto 682/90 é descrito que declara situação de Calamidade Pública “tendo em vista a ocorrência de destruição de casas, galpões, residências, comerciais e residenciais” além de pontes e pontilhões e suas cabeceiras, estradas gerais e vicinais. No qual mostra que o prejuízo se estende a pessoas que perderam as casas, mas também para o comércio, sem dizer da agricultura, com a precarização das estradas de terra e das lavouras, certamente com prejuízo de milhões de cruzeiros também.

Da mesma maneira o decreto não oferece dados mais específicos dos prejuízos, quantas casas e galpões, quantas pontes, ou mesmo de pessoas atingidas. Acreditamos que esse documento tenha sido produzido, mas não foi conservado no acervo municipal, ao qual padece os municípios pequenos de pouca estrutura ou nenhuma para estes registros, assim sendo, obriga a utilizar outras formas para quantificar ou mesmo visualizar os prejuízos do desastre como as já mencionadas fotografias.

O governo do estado anunciou outras medidas de auxílio⁴⁵ aos atingidos pelas enchentes como: A destinação de todo maquinário da Secretaria do Oeste aos municípios atingidos, a fabricação de tubos pela mesma secretaria, além do envio de 15 toneladas de alimentos, 4 mil cobertores, 2 mil colchões, e uma campanha aos flagelados para doações. Essas ações segundo o governo são emergenciais pois os recursos do governo federal a serem solicitados demoram de 30 a 45 dias.

⁴³ Trinta milhões para socorrer o Oeste. Diário da manhã. Chapecó.8 de junho, 1990. P.1

⁴⁴ Prejuízos no interior são maiores. Diário da manhã. Chapecó.9 e 10 de junho, 1990. P.1

⁴⁵ Trinta milhões para socorrer o Oeste. Diário da manhã. Chapecó.8 de junho, 1990. P.1

No desastre de 2015, logo após o ocorrido o poder público municipal empenharam-se no levantamento dos prejuízos e nas medidas emergenciais. Uma das primeiras medidas e importante foi a mobilização política para dar uma resposta ao desastre, com a decreto do estado de Calamidade Pública, buscando auxílio nas instâncias superiores com o ministro da Integração nacional Gilberto Occi, com o governo do estado com o governador Raimundo Colombo, secretário de estado de Defesa Civil Milton Hubus, bem como com os deputados estaduais e federais e prefeitos da região.

Atitudes emergenciais foram realizadas com união do público e privado. Conforme destacou o vice-prefeito Osmar Prestes ao Jornal A fonte⁴⁶ após decorrido uma semana da enxurrada, solidariedade e voluntarismo de pessoas, empresas e entidades, organizadas pelo poder público com auxílio dos bombeiros e Defesa civil definiram equipes de trabalhos para atuarem na limpeza e reconstrução e assistência as famílias atingidas.

Solidariedade veio de todas as partes da população não atingida da cidade e região. Primeiramente com a vinda e disposição de maquinário e servidores de municípios vizinhos na limpeza da cidade, e com uma ação coordenada por clubes de serviço, articulado com as secretárias de assistência social e educação nos centros de coletas de doativos e distribuição de: Móveis e utensílios domésticos, roupas, alimentos; restaurante popular, bem como, a arrecadações em dinheiro para compra de produtos necessários a cargo dos clubes de serviço da cidade.

O decreto de Calamidade Pública foi reconhecido pela União. E a região recebeu a visita do Ministro da integração Nacional Gilberto Occi que anunciou medidas de apoio aos municípios: “ Daremos apoio no que for necessário. E deixaremos a Secretaria Nacional de Proteção e Defesa Civil (Sedec) para ajudar no Plano Detalhado de Resposta (PDR) ”⁴⁷. O Ministro da Integração Nacional ainda garantiu a liberação de parte do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) para auxiliar os atingidos.

O Governador Colombo prometeu⁴⁸ a liberação de recursos para reconstrução das pontes e pontilhões com o uso de kits de transposição, e a construção de casas modulares aos que tiveram a casa destruída. Explicou que as estruturas de cabeceiras das pontes são de responsabilidade da prefeitura e o restante é feita de pré-moldado que são alocadas rapidamente.

⁴⁶ Recuperação já é visível em Saudades após inundação. 24 de jul. 2015 p.9

⁴⁷ Integração Nacional reconheceu situação de emergência em cidades. Voz do Oeste. 17 de julho 2015. p.5

⁴⁸ Em Coronel Freitas governador anuncia recursos. Voz do Oeste. 20 de julho. P.5

O Governador ainda anunciou⁴⁹ que seria editada para os municípios atingidos uma medida provisória que libera o acesso ao crédito aos empresários afetados. Os valores foram disponibilizados sem juros e com carência, e outra ação era a prorrogação do ICMS por 60 dias. Medidas para a manutenção de empregos e liberação de estradas para escoamento da produção.

Quanto a questão ambiental, e as pessoas em áreas de risco não se entrou muito nestas questões nos jornais locais e regionais, onde estas construções algumas delas poderiam classificar como irregular pela lei federal 6766/79 que estabelece uma distância de 15 metros para a distância de construção, distância que poderia ser alargada em leis municipais pois em alguns locais a área de risco chega a mais 70 metros da margem.

Os jornais noticiavam mais o desastre e seus estragos, atribuindo a culpa a inconstância climática. Nesse sentido, destaca-se pelo governador o sistema de aleta da defesa civil, e a promessa de um radar meteorológico para cobrir a região Oeste que atualmente se encontra em construção.

Ao final de 2016 foram apresentadas um balanço das políticas públicas e a recuperação do município pós enchente de 2015, estimou-se um prejuízo em patrimônio de 27 milhões de reais, e uma perda em movimento econômico em torno de 20 milhões de reais. Recuperaram todos os prédios públicos, muitos deles com auxílio de doações, porém fecharam o viveiro municipal, e hidro camping municipal. Das 11 pontes destruídas 4 foram reconstruídas, das 6 pontes pênseis destruídas 2 foram reconstruídas e das 23 casas destruídas somente 11 reconstruídas pela Defesa Civil de SC, e ao todo Mais de 2000 cargas de entulho retiradas da cidade. Faltando ainda algumas coisas a serem reconstruídas.

A prefeitura solicitou verbas e fez projetos conseguindo uma boa quantia de recursos conforme o informativo (2016, p7) cita o recebimento de “J) Recurso externo: - Ponte da Linha Santa Catarina: aproximadamente R\$ 120 mil (Kit de transposição) - Pontes (03): R\$401 mil; - Tubos R\$ 200 mil; - Diesel: aproximadamente R\$ 100 mil; - Casas (11): R\$ 517 mil.”.

Certamente não cobriu a totalidade dos prejuízos tanto particulares quanto do patrimônio público, e muito menos algo difícil de calcular o prejuízo emocional e simbólico dos atingidos. Nas áreas atingidas, foi o local que era central da cidade com muitas pessoas de poder aquisitivo maior, e também bairros periféricos de trabalhadores assalariados, acometidas pelo mesmo desastre, mas com capacidades diferentes de resiliência e reconstrução.

Alguns relatos dos indivíduos atingidos aparecem no jornal local de pessoas sobre as enchentes, enquanto os jornais regionais retratam mais uma narrativa global e das posições do

⁴⁹ Idem.

governo. Conforme Tiago Grohmann morador da rua padre Antônio Vieira que teve sua casa deslocada e parcialmente destruída relata que acordaram como de costume as 6 horas e 45 minutos já estava crítica com bombeiros na rua, segundo ele “acho que os bombeiros deveriam ter ligado as sirenes alertando todo mundo na rua”⁵⁰

No jornal A Fonte aparece o relato do ex-prefeito Arno Schwendler, que foi prefeito em 1990, e teve sua casa atingida nos dois episódios, no qual segundo ele, em 1990 a água na sua residência atingiu 1 metro de altura e na de 2015 atingiu 1 metro e 60 centímetros no mesmo local. Segundo ele “nas outras vezes, a água vinha devagarzinho, desta vez, veio muito rápida, mas muito rápida mesmo”⁵¹, comprovando que esta foi diferente das outras enchentes sendo considerada uma enxurrada.

Devido a última grande enchente um estudo foi providenciado pelo Ministério da Integração Nacional, produzido pela Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM): “Ação Emergencial para Delimitação de Áreas em Alto e Muito Alto Risco a Enchentes e Movimentos de Massa Município de Saudades/SC” produzido em abril de 2016. Este relatório já mencionado anteriormente, identifica as áreas de risco na cidade de Saudades e conclui que existem quatro setores de risco, e que enchentes como a de 2015 podem ser potencializadas em termos de pico de inundação e velocidade da correnteza pelo efeito de transbordamentos de barramentos, como por exemplo a PCH, Barra Escondida localizada alguns quilômetros acima da cidade no rio Saudades, que demonstra que a vulnerabilidade pode ser constituídas por ações humanas diretamente.

Por fim podemos visualizar nos jornais e documentos que após um grande desastre sempre procedem de ações emergenciais dadas pelo governo local, e também dependendo do grau do desastre com auxílio dos governos estadual e federal para reestabelecimento da vida social das pessoas. Ao que a resposta ao desastre pode ser dada por diversas frentes e por redes de solidariedade, mas é do governo que sempre se espera algo ou deposita a culpa pelo que não ocorreu, a falta de previsão, o recurso que não veio. Quanto aos governos há sempre uma preocupação de passar aos jornais que se está fazendo alguma coisa, e que os recursos virão, com muitas promessas.

As narrativas do desastre quando se tem um jornal local tem-se uma cobertura do desastre mais ampla, mas também mais emocionada. Já as narrativas regionais focam mais destaques gerais, números e falas de autoridades, pois seu público é mais diversos, assim como,

⁵⁰ Apenas recomçar. **A Fonte**. Saudades. 17 de jul. 2015 p.7

⁵¹Enchente é a maior já registrada na história do município. **A Fonte**. Saudades. 17 de jul. 2015 p.11

os desastres como as enchentes não ocorrem apenas em um local pois as chuvas afetam uma região toda.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos os desastres ocorridos em Saudades como processo histórico, que inicia muito antes da ocorrência da chuva, como desencadeamento de fatores naturais e humanos. Com esse entendimento advindo da História Ambiental classificamos as grandes enchentes que atingiram Saudades como desastre socioambiental, pois são resultados de fatores naturais, mas também humanos e buscamos compreendê-los.

A primeira constatação através de diversas fontes, mais principalmente com uma visualização melhor nas fontes fotográficas é que as inundações sejam elas grandes ou pequenas são recorrentes no município de Saudades e isso é relevante para compreensão da dinâmica da enchente no município. Ou seja, ocorriam em diversas épocas atingindo o local que hoje localiza a área urbana de Saudades.

Saudades como tantos outros municípios, nasceu a beira de um rio, o rio Saudades, dentro de uma pequena planície baixa, envolta ao relevo encaixado do vale. Ainda na área urbana do município além do rio Saudades dois de seus afluentes o rio Taipas e o rio Bonito quando transbordam trazem transtornos à população, que podem causar inundações em períodos de chuva forte, ou chuvas contínuas, que podem provocar enchentes em qualquer período do ano. Mas conforme os resultados da pesquisa especialmente nos meses mais frios do ano aumentam a possibilidade de enchentes de grande porte, pela atuação mais prolongada das frentes frias que são mais continentais que no verão.

A cidade foi planejada segundo a atuação da Companhia Colonizadora Sul Brasil, que era obrigada a planejar núcleos urbanos em uma distância de 20 a 30 quilômetros de distância, com áreas destinadas as futuras instalações públicas (WERLAND, 2006). Um indicativo de que a escolha do local não foi a melhor, pois com o crescimento urbano obrigaria necessariamente a ocuparem as margens do rio e ou seus morros, como se apresenta hoje.

Não demorou muito para saudades desenvolver tornando-se distrito em 1950 e emancipando em 1962, assim com o crescimento da área urbana as enchentes comesçassem a causar prejuízos maiores e afetar mais a vida das pessoas, como nas grandes cheias de 1964,1972, 1983, 1990 e 2015. Com o crescimento urbano mais acentuado a partir da década de 1990 foi ocupado mais ainda os terrenos baixos e bem próximos ao rio Saudades, e também de seus dois afluentes, surgindo novos bairros crescendo o número de pessoas que se encontra em área de risco, nota-se uma cultura da ocupação de seguir o curso do rio.

A intervenção humana com a vinda da estrutura urbana com a impermeabilização do solo estendendo a cidade até bem próximo as várzeas, combinada com redes de tubulações e drenagem que reduzem a capacidade de infiltração do solo, somadas a uma faixa pequena de mata ciliar e uma grande retirada de cobertura vegetal, em situações de chuvas torrenciais ou contínuas colaboram para aumentar rapidamente o nível do rio podendo se tornar uma situação de desastre.

As maiores enchentes que se tem registros 1990 e 2015, não foram talvez as maiores pois o sistema de medição é recente, no entanto, foram as que causaram mais expressivos prejuízos e obrigaram o município a declarar estado de Calamidade Pública. Tomaram esta proporção pela contínua ocupação da área de risco, que de uma enchente para outra se encontrava mais ocupada. Porém, como afirma Nodari e Espíndola (2015) a memória desvanece quando ocorre longos períodos sem grandes enchentes, e a especulação imobiliária volta a ocorrer nestes locais e as pessoas ocupam essas áreas de risco sem muitas vezes considerar o histórico das cheias.

Portanto concluiu-se que a transformação das enchentes rotineiras vistas como desastre socioambiental nas últimas duas grandes enchentes foi um processo de construção gradual, dado principalmente pelo avanço da ocupação urbana nas várzeas dos rios que cortam a cidade. Resultando em um número maior pessoas afetadas de uma enchente para outra, e de um aumento de danos econômicos, materiais e ambientais.

Nota-se que as enchentes de 1990 e 2015 foram diferentes pois a primeira considerada uma inundação gradual com velocidade da água e aumento gradual da inundação decorrido por uma chuva que perdurou vários dias. A enchente de 2015 foi uma inundação brusca, chamada de enxurrada, pela rapidez do fluxo da água e pelo aumento rápido da área inundada dada por uma chuva incessante ocorrida em uma manhã. Em 2015 a inundação foi potencializada por transbordamento da barragem PCH Barra Escondida poucos quilômetros acima da cidade aumentando a vulnerabilidade.

As fotografias foram analisadas como documento de memória e auxiliaram na compreensão das leituras que os contemporâneos fizeram sobre o desastre, dando condições de observação e análise do local e do momento do desastre, bem como, do crescimento urbano contínuo nas diferentes épocas analisadas.

As narrativas jornalísticas dos desastres, elas muitas vezes tendem a uma visão vitimista e triste do desastre, e acabam não aprofundando uma análise da relação do homem com a natureza e seus efeitos, pois atribuem a culpa a inconstância da natureza e enxergam o homem apenas como vítima. As narrativas de jornais locais tendem a dar um enfoque maior a tragédia

local, dando voz aos atingidos, enquanto que jornais de circulação regional, buscam informações mais gerais e principalmente as respostas dos governos a tragédia. Contudo ambas as notícias do desastre tem curta duração, logo que baixam as águas elas deixam de ser notícias, e conseqüentemente memória das pessoas seguem a mesma lógica, esquecendo ou desconsiderando o risco.

Quanto as ações emergenciais são buscadas em várias frentes minimizar e auxiliar ao ocorrido, buscando no espaço das notícias e respostas aos periódicos mostrar que o governo está fazendo algo. No entanto, fica muitas vezes difícil de dizer se tudo que se promete foi cumprido pois tão logo passa o desastre ele deixa de ser notícia.

Por fim, “enchentes que não deixaram Saudades”, como consta no título busca de forma ambígua mostrar que as enchentes provavelmente voltaram a acontecer no município, porém estes eventos que se constituíram em Desastres causaram grandes danos para uma grande parte da população do município e são lembranças que trazem medo e comoção o qual ninguém gostaria de viver novamente. Nesse sentido este trabalho quer ser útil não apenas para a historiografia do município, mas para gestores públicos que queiram compreender mais sobre a construção social do desastre para possíveis intervenções do poder público.

FONTES

JORNAIS:

APENAS recomeçar. **A Fonte**. Saudades. 17 de jul. 2015 p.7

DA redação: Chuvas II. **Voz do Oeste**. Chapecó. 20 de jul. 2015

EM Coronel Freitas governador anuncia recursos. **Voz do Oeste**. 20 de julho. P.5

ENCHENTE em Saudades como tudo aconteceu **A Fonte**. Saudades. 17 de jul. 2015 p.4

INTEGRAÇÃO Nacional reconheceu situação de emergência em cidades. **Voz do Oeste**. 17 de julho 2015. p.5

JORNAL Informativo da administração Municipal de Saudades- Edição 04- Ano 2016^a
Balço das principais ações realizadas (2013 a 2016) p.7

PELO Estado: Alerta máxima em todas as regiões. **Gazeta da Manhã**. Chapecó. 15 de jul.2015 p.2

PREJUÍZOS no interior são maiores. **Diário da manhã**. Chapecó.9 e 10 de junho, 1990. P.1

RECUPERAÇÃO já é visível em Saudades após inundação. **A Fonte**. Saudades. 24 de jul. 2015 p.9

SAERFRON recebe reconhecimento do governador Colombo. **Voz do Oeste**. Chapecó.2016. p.8

SAUDADES sofreu a maior enchente de sua história. **Diário da Manhã**. Chapecó. Ano XI, N 165, 1990 p.10

SOBE para 50 o número de cidades atingidas. **Gazeta da Manhã**. Chapecó. 17 de jul.2015 p.3

SAUDADES o Vale da Hospitalidade e da Solidariedade. **A Fonte**. Saudades. 17 de jul. 2015 p.6

SITUAÇÃO de enchente em todo o Oeste. **Diário da Manhã**. Chapecó. Ano XI, N 160, 1990 p.3-4

TRINTA milhões para socorrer o Oeste. **Diário da manhã**. Chapecó.8 de junho, 1990. p.1

OUTROS DOCUMENTOS

CATÁSTROFES EM SAUDADES 1940-1983. Fotografias. Fichário I. Museu Municipal Victorino A. Lenhardt. Saudades.

CATÁSTROFES EM SAUDADES 1983-1990. Fotografias. Fichário II. Museu Municipal Victorino A. Lenhardt. Saudades.

CATASTROFES EM SAUDADES 1990-1995. Fotografias. Fichário III. Museu Municipal Victorino A. Lenhardt. Saudades.

ZORTEA, Iedo. Relatório fotográfico enchente 2015 Saudades. Fotografias. 2015

DEFESA CIVIL. Volume mensal de chuva saudades 02.(Estação Saudades 02653007). Relatório 2016.

SAUDADES. Decreto de Calamidade Pública: (lei nº35/2015). 14 de jul.2015.

SAUDADES. Decreto de Calamidade Pública. (Lei nº 682/1990). 6 de jun.1990.

REFERÊNCIAS

- BECK, U. **Sociedade de Risco**: rumo a uma outra modernidade. São Paulo: Editora 34, 2010.
- BRECHT, Bertold. **Poemas**. Lisboa: Editorial Presença, 1973. P. 71
- BRASIL. Ministério da Integração Nacional. **Instrução Normativa 01**. 24 de Ago. 2012. Disponível em:< <http://www.mi.gov.br>> Acesso em: 10 de mar. 2016.
- BRASIL. Lei nº 6.766. 19 de dez. 1979.
- BURKE, Peter. Testemunha Ocular. Bauru: EDUSC, 2004.
- CASTRO, C.M. de; PEIXOTO, M.N de O.; RIO, G.A.P. do. Riscos Ambientais e Geografia: Conceituação, abordagens e escalas. **Anuário do Instituto de Geociências**. UFRJ, Rio de Janeiro. V.28, n.2, 2005.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; MAUD, Ana Maria. História e imagem: Os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.) **Domínios da História**: Ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus. 1997. p. 401-417
- CARVALHO, Miguel M. Xavier de. Uma grande empresa em meio à floresta: História da devastação da floresta com araucária e a Southern Brazil Lumber and Colonization (1870-1970). 2010. 313 f. Tese (Doutorado em História) – Departamento de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Florianópolis, 2010.
- DMITRUK, Hilda Beatriz. Ocupação pré-colonial do oeste catarinense. **Cadernos do Ceom**. Chapecó: Unochapecó. Ano 19, n. 23, 2006. Disponível em:< <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/issue/view/141>> Acesso em: 14 de Set. 2016.
- DRUMMOND, José Augusto. A História ambiental: Temas, fontes e linhas de pesquisa. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro. V4, n.8. 1991.p.177-197
- ESPINDOLA, Haruf Salmen. Sociedade, natureza e território: contribuição para a História Ambiental. NODARI, Eunice Sueli; KLUG, João. **História ambiental e migrações**. São Leopoldo: Oikos, 2012. p.167-197
- ESPÍNDOLA, Marcos Aurélio Espíndola; NODARI, Eunice Sueli. Desastres surpreendentes, enchentes rotineiras: vulnerabilidade e políticas públicas em Rio do Sul (SC). In: NODARI, Eunice Sueli; ESPÍNDOLA, Marcos Aurélio Espíndola, LOPES, Alfredo Ricardo Silva (Orgs.). **Desastres socioambientais em Santa Catarina**. São Leopoldo: Oikos,2013 .p.68-94
- FERRARI, Luís Fernando. **Intrusão e Desintrusão nas terras da companhia Territorial Sul Brasil**. Porto Alegre: Letra&Vida, 2015.

FILHO, J. L. K; NORONHA, F.L. **Ação Emergencial para Delimitação de Áreas em Alto e Muito Alto Risco a Enchentes e Movimentos de Massa Município de Saudades/SC.** CPRM - serviço geológico do Brasil. 2016. Relatório.

HERRMANN, M. L. de P. (Org.). **Atlas de Desastres Naturais do Estado de Santa Catarina.** Florianópolis: IOESC, 2005.

HIGASHI, Rafael A. dos Reis et al. **Atlas brasileiro de desastres naturais 1991 a 2010:** volume Brasil. Centro Universitário de Estudos e Pesquisas sobre Desastres. Florianópolis: CEPED UFSC, 2012. Disponível em: <http://150.162.127.14:8080/atlas/Brasil%20Rev.pdf> > Acesso em: 16 mar.2017

KLANOVICZ, Jó. Apontamentos teórico-metodológicos para uma História Ambiental dos desastres “naturais” em Santa Catarina. **Tempos Acadêmicos.** Criciúma: UNESC, n.6, 2008. Disponível em: >http://periodicos.unesc.net < Acesso em: 01 jun.2016

KLANOVICZ, jó. História Ambiental e desastres: Encontros entre política, tecnologia e sociedade. **História Unisinos.** São Leopoldo. Set/Dez 2013.p.293-302

LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. Fotografia: Usos sociais e historiográficos. PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Orgs). **O historiador e suas fontes.** São Paulo: Contexto, 2012. P.29-60

LOPES, Alfredo Ricardo Silva. A natureza do risco: paisagem e risco na Análise dos desastres socioambientais. **Revista esboço.** Florianópolis: UFSC, vol.20 n.30. 2013. p. 52-67

LOPES, Alfredo Ricardo Silva. **Desastres socioambientais e memória no sul de Santa Catarina (1974-2004).** Tese (Doutorado), Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e ciências humanas, programa de pós-graduação em História. Florianópolis, 2015.

LOPES, Alfredo Ricardo Silva. O Furacão Catarina. In: NODARI, Eunice Sueli; ESPÍNDOLA, Marcos Aurélio Espíndola; LOPES, Alfredo Ricardo Silva (Orgs.). **Desastres socioambientais em Santa Catarina.** São Leopoldo: Oikos, 2013 .p.122-137

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2011. P.111-154

LÜBKEN, Uwe. Migração e desastre. NODARI, Eunice Sueli; CORREA, Silvio Marcus de Souza (Orgs.). **História ambiental e migrações.** São Leopoldo: Oikos, 2012. p.11-28

MACHADO, Paulo Pinheiro. O contestado e o mundo caboclo: História memória e historiografia. VALENTINI, Delmir José; ESPIG, Maria Janete; MACHADO, Paulo Pinheiro. **Nem fanáticos e nem jagunços:** reflexões sobre o Contestado (1912-2012). Pelotas: Editora da Universidade Federal de Pelotas, 2012.

MARTINEZ, Paulo Henrique. **História Ambiental no Brasil:** Pesquisa e ensino. São Paulo: Cortez, 2006.

- NODARI, Eunice Sueli; ESPÍNDOLA, Marcos Aurélio. Relações complexas: as estiagens de Santa Catarina. In: NODARI, Eunice Sueli; CORREA, Silvio Marcus de Souza (Orgs.). **Migrações e Natureza**. São Leopoldo: Oikos, 2012. p.165- 184
- PAULA, Simone Mendes de. As enchentes em Blumenau: um desastre anunciado. In: NODARI, Eunice Sueli; ESPÍNDOLA, Marcos Aurélio Espíndola; LOPES, Alfredo Ricardo Silva (Orgs.). **Desastres socioambientais em Santa Catarina**. São Leopoldo: Oikos, 2013.p.52-67
- PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da História Ambiental. **Estudos avançados**. vol.24 no.68 São Paulo. 2010.
- RENK, Arlene. **Migrações de ontem e de hoje**. Chapecó: Grifos,1990.
- ROYGER, Venida. Colonização, memória e experiência em Saudades. **Cadernos do Ceom**. Chapecó, n.13. 1999
- SEDREZ, Lise. Desastres socioambientais, políticas públicas e memória – contribuição para a História Ambiental. NODARI, Eunice Sueli; CORREA, Silvio Marcus de Souza (Orgs.). **Migrações e Natureza**. São Leopoldo: Oikos,2013. p.185-201
- SEDREZ, Lise; MAIA, Andréa Casa Nova. Narrativas de um dilúvio carioca: memória e natureza na Grande enchente de 1966. **História Oral**. vol.14, n2. 2011.
- SEVERO, Rosália Matuella Severo; ROYGER, Venida Flesch. **Saudades: uma história em fatos, imagens e relatos**. Print On Art Gráfica Ltda. 2012.
- SILVA, Claiton Marcio da; BRANDT, Marlon; CARVALHO, Miguel Mundstock Xavier de. Uma História Ambiental da Fronteira Sul: campos, florestas e agro ecossistemas. In: RADIN, José Carlos; VALENTINI, Delmir; ZARTH, Paulo. **História da fronteira sul**. Porto Alegre: Letra&Vida, Chapecó: UFFS, 2015.
- SÔNEGO, MÁRCIO J. F. A fotografia como fonte histórica. **Historiæ**. Rio Grande, 1 (2), 2010. p.113-120. Disponível em:>www.seer.furg.br/hist< Acesso em: 19 jun.2016.
- WERLAND, Alceu Antônio. **Disputas e ocupação do espaço no oeste catarinense: A atuação da Companhia Territorial Sul Brasil**.Chapecó: Argos,2006.
- WORSTER, Donald. “Para fazer História Ambiental”. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro: FGV,4 (8),1991. p.198-215
- ZART, Paulo. Fronteira Sul: história e historiografia. RADIM, José Carlos; VALENTINI, Delmir; ZART, Paulo (Orgs.). **História da fronteira Sul**. Porto Alegre: Letra&Vida, Chapecó: UFFS, 2015.